

Oferta
-0. NOV. 1998

A VULSO
1 ESC.
1.20

ANO III - N.º 123

23
SETEMBRO
1943



*Dois amigos
para a vida e
para a morte...*

*(Ver reportagem
de Manuel Marti-
nho nas páginas
centrais)*

**Vida
Mundial**

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades

AQUI entre Nós



HELGE VON KNORRING

Recentemente nomeado Encarregado dos Negócios da Finlândia em Portugal, ficará em Lisboa a representar permanentemente o seu país, enquanto residir em Madrid o ministro da Finlândia acreditado ao mesmo tempo junto do Governo espanhol.



TOMAZ ALCAIDE

Que tantos triunfos conquistado lá fora para a arte portuguesa, foi submetido a melindrosa operação cirúrgica. O ilustre cantor encontra-se, felizmente, em vias de restabelecimento.



METZNER LEONE

Culto e viajado, pôde dar-nos mais um magnífico trabalho de investigação e interpretação: «História maravilhosa de Pitt», que compreende, de facto, um estudo sério sobre a acção decisiva de Pitt, no destino da Inglaterra. Dentro em breve, aparecerá «Hora decisiva», um novo trabalho sobre a guerra, baseado em análise directa dos factos.

UM belo dia em que Camilo Castelo Branco jornadeava longamente de ladeira, de Vila Real para o Pôrto, encontrou um amigo que lhe perguntou, num vago sorriso desdenhoso: — «Ainda fazes romances!» E como o romancista lhe tivesse respondido que sim, o homem dissera-lhe, largamente, sobre a inutilidade da literatura em geral, e do romance em especial. Porque não havia ele, Camilo, de aproveitar a imaginação em coisas úteis? Porque não havia ele de inventar, por exemplo, um arado, um moinho, um alcatruz, uma ratoeira de apanhar toupeiras, um visco de desbaratar grilos e pardais, em vez de criar embriões amorosos e tenebrosos casos passionais? Que se deixasse de fantasias literárias! A imaginação que faz novelas é talento perdido! O Criador, ao expulsar Adão do Paraíso, teve ainda a generosidade de lhe não dizer: «Serás homem de letras». Camilo ouviu, fungou uma pitada de rapé, fixou este episódio nas Vinte horas de ladeira, e, decerto, para provar ao seu amigo que isto de ser escritor é uma fatalidade com que se nasce e de que se morre — deu um tiro na cabeça...

NA tarde da sua estreia em Portugal, Gregório Garcia — o toureiro mexicano ultimamente tão falado entre nós — reparou que, em determinado sector, uma linda rapariga seguia todos os seus passos, aplaudindo. Diz-se que não ha ninguém mais curioso do que o homem em relação à mulher — e parece que assim é. O toureiro não descansou enquanto não soube quem era a sua admiradora. Chamava-se Nazaré Felício, era filha do maior Felício, da casa Coimbra, da Azinhaça, e nascera em pleno Riba-

Inventário & Balanço BARRO AMASSADO

A Feira da Luz, que este ano ficou aberta por mais tempo, é a última feira que se faz ainda dentro do recinto de Lisboa. É uma reminiscência de muitas outras, que se faziam, noutros tempos, intra-muros ou mesmo fora de portas, na área já hoje incluída no perímetro da cidade nova. As feiras desse estilo, efectivamente, perderam a sua razão de ser, porque a facilidade de transportes leva o comprador interessado onde lhe aprouver demandar produtos na origem, como traz o produto, oportunamente, a oferecer-se à curiosidade e escolha do comprador. Mas há, ainda assim, de certo modo, o apêgo à tradição, numa prática que o sabor pelo pitoresco deixa justificar. Estas feiras, ainda regulares na provincia, faziam-se em dias certos, e algumas delas ganharam celebridade pelo volume das transações que nelas se faziam ou pelo carácter dos artigos que se expunham para negócio. Tanto a feira era tida em conta de instituição generalizada, que passou a ser de uso corrente, como expressão significativa de desaprêzo por opinião emitida, a que se resume neste murmúrio: — Com o que ele hoje vem à feira...

As feiras mais famosas, hoje, por esse país além, são ainda as feiras de gado. A da Luz tem uma especialidade: as loças. É de coisa de dar gosto ver os portentos de arte que se encontram em muitas dessas peças de arte popular. As indústrias da cerâmica, que entre nós se presumem estabelecidas em moldes aperfeiçoados a partir do século XVI — com influência castelhana e holandesa — ganharam rapidamente um grande número de praticantes, que revelaram sempre um apurado gosto de execução. As loças finas de porcelana já hoje se fabricam entre nós com o melhor requinte, mas é na faiança — que é, aliás, de procedência italiana — que mais acentuadamente se podem descobrir os motivos portugueses. Mesmo na mais rudimentar olaria há sempre, na execução da obra, uma harmonia de linhas elegantíssimas: Tondela, Barcelos, Alcobaca, Vila Viçosa, Viana do Castelo, Aveiro, Pôrto e Lisboa. E por toda a parte, mesmo onde a tarefa é executada sem quaisquer dos aperfeiçoamentos que a técnica põe à disposição da arte, se descobre o mesmo requintado gosto das coisas simples, com ânforas famosas, de proporções variadas, mas sempre de um encanto tão puro como completo.

Nas Caldas da Rainha fez-se escola. Os ceramistas da região caldense têm razões para se orgulhar de um nome que figura entre eles: Rafael Bordalo Pinheiro. Este, porém, era um artista de temperamento e de escola, com direito à nomeada que obteve. Mas há os outros, os anónimos, os que não chegam a ser classificados de artistas, mas são, mesmo assim, artífices metuculosos, a quem, mesmo subconscientemente, há um sópro interior de arte que lhes faz palpar os dedos engenhosos quando modelam a argila — a mãe de todos os portentos que nos deliciam os olhos sempre sedentos de motivos inspiradores de novas sugestões.

tejo, terra de sol e de touros. Verem-se e amarem-se foi obra dum momento. Na próxima primavera — segundo já se anuncia — devem trocar as alianças. Não há dúvida: os melhores romances de amor não são aqueles que se lêem — são aqueles que se fazem.



BRIGADEIRO TAMAGNINI BARBOSA

Antigo presidente do conselho e distinto oficial do exército, dentro de dias deve assumir as funções de comandante militar de Angra do Heroísmo. O sr. brigadeiro de engenharia João Tamagnini Barbosa parte por estes dias para as Açores.



FERNANDO LOPES GRAÇA

Um dos grandes valores musicais do nosso tempo como professor e compositor, acaba de ser convidado para reger uma cadeira do curso superior de música na Academia dos Amadores de Música, devendo entrar já ao serviço no próximo ano lectivo.



ENG. MANUEL BIVAR

Director técnico da Emissora Nacional, seguiu há dias, para os Estados Unidos, onde vai adquirir material para aquele organismo, que, dentro em breve, vai ampliar a sua rede de radiodifusão.

Vida MUNDIAL

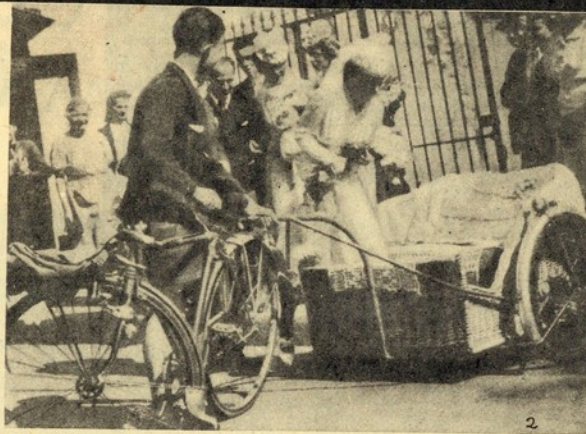
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — EDITOR E PROPRIETÁRIO: JOAQUIM PEDROSA MARTINS — REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 80, 2.º — LISBOA — TELEFONE: 25844

o filme da semana



1—Chang-Kai-Shek e desde há dias Presidente da República Chinesa. Esta indiscreta foto dá-nos o generalíssimo surpreendido pela objectiva, quando sua esposa graciosamente o felicitava por lhe ter sido concedida a medalha da «Legion of Merit Medals». Não se vê mesmo que ambos ficaram satisfeitos?



2—Todos sabem que os parisienses não têm gasolina. Mas o que poucos sabem é como eles fazem para a suprir nas festas de casamento. Que nos dizem a este «velo-táxi»? Ao menos, agora, os que vêm passar os noivos podem gritar: «vivam os noivos!» que não correm o perigo de ficar com a voz afogada pelo barulho dos autos...

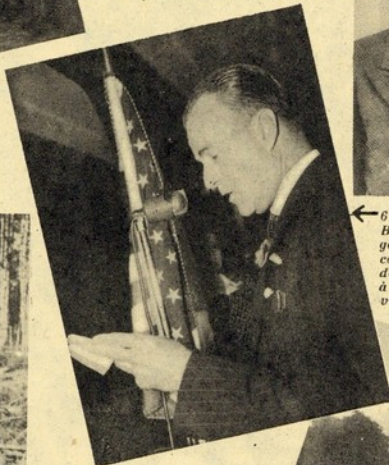


3—Enfim, não foram somente os franceses que vestiram as suas festas de núpcias modificadas: em Zurich, as damas de honra já não se vestem de longas saias vaporosas. Agora, têm um ar marcial, como a hora presente require...

4—Este rapaziño simpático e ar risonho é nem mais nem menos do que o rei Pedro da heroica Jugoslávia. Está ao lado de sua noiva, a princesa Alexandra, sobrinha do rei Jorge do Helenos. Não é verdade que formam um par simpático de con-fiante mocidade?



5—A campanha da Rússia é dura para os soldados alemães. A luta não é só contra os homens, contra os gélos e desgélos: é preciso vencer os bosques cerrados da Carélia e, através deles, transportar as baterias ligeiras de artilharia em motocicletas com cremalheiras.



6—No dia do aniversário da independência do Brasil, os Estados Unidos não quiseram ficar à margem de uma data histórica de tão grande significado para os seus aliados brasileiros. O embaixador dos Estados Unidos no Brasil falou pela rádio à grande nação irmã da portuguesa e as suas palavras afirmaram o respeito e mútua estima dos dois povos atlânticos.



7—Sob a administração alemã, as regiões da Ucrânia tornaram-se férteis e produtivas. Este ano, as colheitas de trigo foram particularmente ricas.



8—Que mocidade bulhosa, hein?! São rapazes e raparigas londrinos que, mal cumpridos os seus deveres de guerra nas fábricas, nos escritórios, nos serviços auxiliares do exército e da marinha, correm para uma estação termal junto de Londres, onde fazem o clássico «week-end».

O POVO ITALIANO CONTINUA FIEL A CASA DE SABOIA!



VINTE e cinco de Julho de 1943. A nação está ameaçada pelo inimigo. O fascismo já não domina os acontecimentos e os homens precipitam-se para o prestígio do rei. Vitor Manuel III chama Badoglio, o filho querido da derrota, constitui novo governo, destitue Mussolini, manda-o prender à saída do palácio. Tinha ficado assente na última grande reunião fascista da véspera que o «Duce» pediria a demissão, mas o «Duce» fôra presidir a uma distribuição de prémios e mandara dizer ao rei que a situação era boa e que o foco de insurrectos estava a ser dominado.

Quando o povo soube da queda de mussolini e que o exército depositava no rei a confiança que um grande chefe merece, percorreu as ruas em grandes manifestações. Ele queria, assim, significar ao seu rei que continuava fiel à Casa de Sabóia, a nobre detentora das virtudes da raça de um grande povo...

1) Quando Vitor Manuel anunciou o novo governo presidido por Badoglio, o povo, em Roma, percorreu, delirante, as ruas, erguendo o retrato do rei e dando vivas à Casa de Sabóia. 2) Diante da casa real e em Milão e Turim oradores improvisados proclamaram a sua lealdade ao rei e ao novo governo, para grandeza e salvação da pátria ameaçada.



BENI LEVY MAS PEIRÓ

PROCUROU O K. O. ABANDONOU A LUTA...

O ESTOMAGO DE PEIRÓ
E A PREFERÊNCIA DE
LEVY PARA O JOGO
DE PERTO

BENI Levy desforrou-se da derrota de Barcelona!... «Ganhou o Levy!...».

Eram estas as exclamações que no domingo se ouviram no Campo Grande e repercutiam na Baixa, nos «mentideros» desportivos, geralmente aquartelados nos cafés.

O prestigio do campeão português, ligeiramente abalado na capital catalã, retomava equilíbrio. Beni Levy pode prosseguir a marcha ascensional que o levará a outros feitos. Se os seus apoderados souberem — e quiserem — o português, embora lutando presentemente com uma possível falta de adversários, continuará boa senda.

A luta com Peiró assumiu foros sensacionais. Foi o acontecimento do domingo, quasi eclipsando a jornada futebolística. Em «box», há muito que não assistia a tão grande entusiasmo da parte do público — aquêle entusiasmo que, a alturas tantas, não hesita em partir cadeiras e, por, a indução, a cara dos vizinhos. Já vão algo distantes algumas pelejas que galvanizaram a assistência, nas quais participaram Velha, Prior e Rodrigues. E, todavia, nem todas tinham um cunho de combate puro, só prejudicando afinal o pugilista, que, se efectivamente tem mérito e naturais aspirações, não sobre gradualmente os degraus indispensáveis à sua valorização, e sofre as consequências de ser alçado para um adversário de superior valia, que só o não desbarata porque... não convém!... As possíveis mais consequências ficam assim anuladas, mas o «boxer» passa a andar iludido sobre si próprio se não tiver dois dedos de inteligência ou, simplesmente, um palmo de visão.

Da sessão de domingo, numa maneira geral boa, e decorrendo num ritmo agradável, sem delongas de uns combates para os outros, ficou-me a impressão, de há muito a acastelar-se em meu espirito, que o «boxing» em Portugal terá cada vez mais público, e por corolário permitirá que apareçam novos profissionais — que o possam ser de verdade e afoitamente — desde que os organizadores não pretendam servir gato por lebre e rodeiem todas as reuniões duma total seriedade. Os ídolos não se constroem à queda nem a martelo. Nascem, desenvolvem-se e vivem por sua natural intuição e aplicação persistente ao que para eles constitue sacerdocio — e fonte de receita!...

No domingo, o público manifestou-se contra a queda do espanhol Marco, em frente de Augusto de Sousa. Será bom, por conveniente, não esquecer que a muita ignorância das leis e regras da modal-

dade não oblitera a vista da assistência. O espanhol Marco «viveu» cinco assaltos, enquanto Sousa não aplicou a «direita». Até então o português consentira que o adversário ripostasse com vigor, utilizando bem ambas as mãos, e revelando-se mais desembaraçado do que na luta com Larzem. Mas era evidente o desmível global de possibilidades em relação a Sousa. Este, mais batalhador e mais confiante do que habitualmente, aguardou a «passagem» que lhe consentisse enviar a direita. Só o conseguiu no 5.º assalto. De tal forma, que o espanhol acusou o toque, não ficando, porém, ainda em condições de se render. Sousa insistiu. Esbôço leve, esporádico de Marco, que, lentamente, se deixou cair até serem contados os dez segundos... Ora o público viu a lentidão da queda. Protestou. E não serei eu quem lhe tire razão, demais que Marco não era homem para Sousa, e a candidatura deste ao título que Levy ostenta não devia perigar. Temos, além disso, que admitir o real valor de Sousa. Se o tem, direito lhe cabe de desejar um ceptro. Se não tem, espera melhor oportunidade e, entretanto, faz valorizar-se.

O campeão nacional, Licínio, frente ao espanhol Serafim Martin, não me convenceu. Pouca preparação? Falta de competição? Seja o que fór, mostrou-se pouco campeão. O espanhol, sem alardes de técnica, mas impulsivo, contrastou com a inépcia de Licínio. Os seus melhores momentos foram o 3.º e 4.º assaltos, em que o espanhol vacilou nitidamente. Licínio venceu, mas o «nulo» era o desfecho lógico.

Nos dois primeiros combates pouco houve que vibrar. Muitos rompantes iniciais, calxas de ar com pouca capacidade, desaparecendo uns vislumbres de «box», para dar lugar a períodos de autêntica «fregateira»!...

E, agora, falemos do grande acontecimento, da luta de fundo.

Peiró veio para Lisboa há uma semana. Aclimatar-se, tomar contacto com o ambiente e apurar a sua preparação. O Lisboa Glásio facultou-lhe as suas instalações, e com o espanhol terçaram luvas vários portugueses, entre eles Agostinho Guedes, creio que Augusto Sousa, e Manuel Matos. Foram «retosques» finais, por certo, porque Peiró suou pouco e não insistia... Quando no domingo subiu ao «ring», o público admirou-se do seu aspecto adiposo, nada de harmonia com as necessidades dum «boxeur» que tem pretensões. Mas as pretensões de Levy são muito relativas...

O catalão, além de constituir um complexo de boémio e de atleta (duas facetas incompatíveis que em Peiró parece casarem-se admiravelmente...) é o mais profissional que se pode ser. Combate quando lhe pagam bem e geralmente pede o dobro do que inicialmente lhe oferecem. E recusa uma bôisa muito razoável com a mesma naturalidade com que nos «cabarets» de Barcelona entoa os melodiosos e plangentes accordes da música dos Pampas. Numa imagem, pode afirmar-se que Peiró é um homem superior a tudo quanto o cerca, desde que não lhe dêem o que quer. Precisa de todos e não precisa de ninguém — uma psicologia curiosa e quem sabe se feliz!... Dêste combate arrecadou êle 30.000 pesetas!

E, indiscutivelmente, um bom pugilista. Sabe de seu officio, e é nessa experiência que êle alicerça a razão de ser de alguns êxitos e de alguns fracassos. Não segue uma vida consagrada à arte do sôco. O «box» é para os intervalos dos tangos. A sua capacidade de resistência tem infalivelmente de ceder mais cedo que o admissível. Até o «gás» existir, Peiró é homem que impõe toada e faz sentir o peso do seu «punch», na verdade poderoso. Depois cede, e entra em acção um outro capitulo da sua mestria: a defesa cautelosa, mercê duma successão de «prisões», que mais não são do que pretextos para agitar o combate até final. No domingo, usou de tal forma o sistema, que chegou a provocar jôgo perigoso, no qual a cabeça foi a arma de choque...

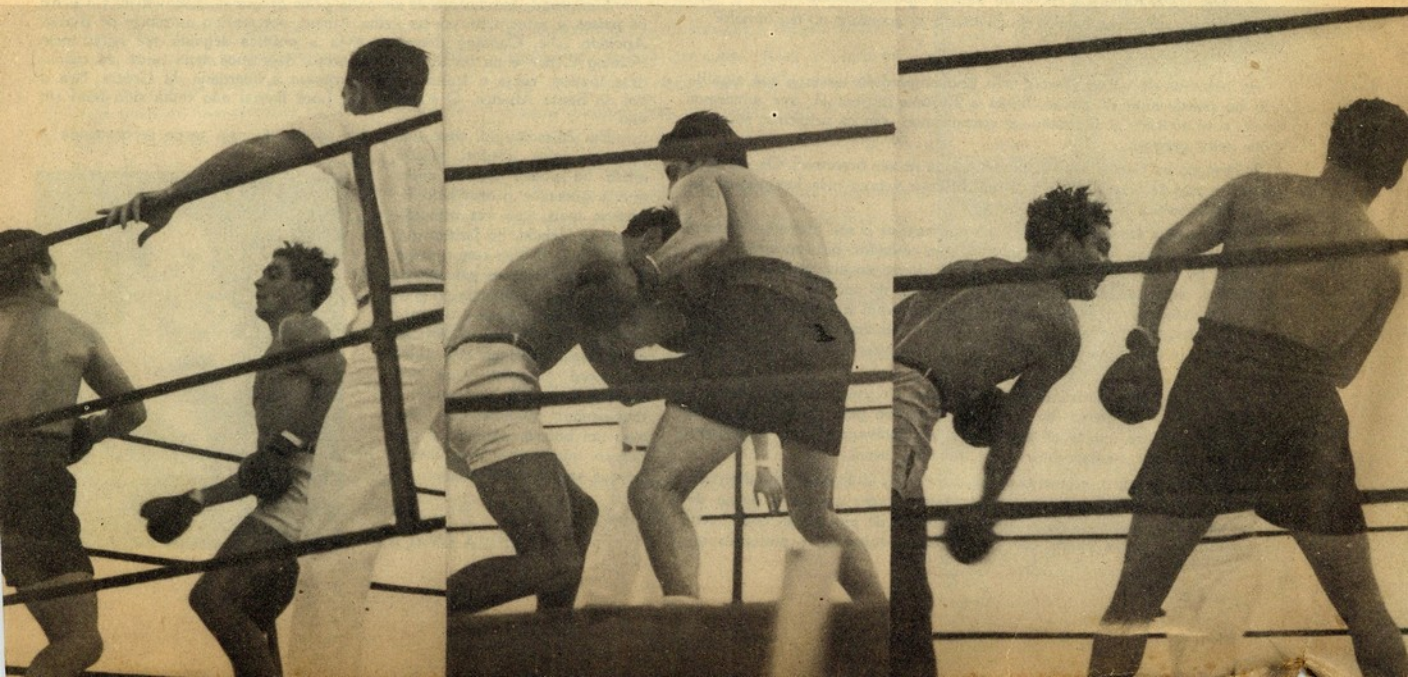
Belo golpe de vista e uma noção impressionante ao momento de «entrar». O seu êxito em Barcelona foi, em face do que vi no Campo Grande, absolutamente fortuito. Um sôco feliz de entrada, a «fria», abala qualquer, e nem todos têm poder ou recuperação para mudarem o rumo do combate, como sucedeu a Levy, e a própria imprensa catalã accentuou. Mais dois rounds e o espanhol ajoelhava de vez. Em Lisboa, esta opinião fortaleceu-se. Até ao 5.º assalto, com fôlego e com todos os attributos que enriquecem a sua bagagem, Peiró esteve perfeitamente à vontade, dirigindo o combate, tocando com apropósito e dureza, evolucionando com notável rapidez, não permitindo que Levy se aproximasse, e pondo o português a distância com autoridade e facilidade.

Dai em diante, o fôlego gastou-se. Já no 4.º assalto Peiró soprava desordenadamente. No 6.º, Levy pareceu, finalmente, a poder fazer o jôgo de perto que lhe convinha. Entraram em choque. E o estômago de Peiró, reconhecidamente vulnerável (Levy só muito tarde deu por tal, em Barcelona), bem defendido até então, passou a ser um alvo ideal e fácil para Levy. Não só o estômago. O português applicou séries esplêndidas de colocação, ao rosto, em rajadas da esquerda e direita. Tornou-se feio o combate. Aumentava a dificuldade do espanhol, que «prendia» e se agarrava à cintura de Levy com o pensamento único de «viver» os 10 assaltos!... Mas estava extenuado, totalmente desbaratado. A um «know-down», encadeou-se outro. Ajoelhou, ficando com a mão direita apoiada na corda. Fez um supremo esforço. Compreendera que não podia resistir à demolição. Levantou-se e ergueu o braço em sinal de desistência. Até nesta altitude Peiró foi inteligente. Soube — e, vamos, pôde — terminar da melhor maneira, sem dar o espectáculo de um «K.O.» rotundo, que Levy procurou com afã.

O campeão de Portugal não está em baixo de forma como muitos pretendem. Impressionado pelo desfecho de Barcelona, a luta de domingo deve ter-lhe restituído confiança e embalgem para novos cometimentos. Além da possível depressão moral sofrida, é preciso não esquecer que Levy «procurou» um adversário sabedor, que fez um jôgo totalmente contrário ao seu, arte e possibilidades que não estão ainda ao alcance do campeão nacional.

Mas lá virá o tempo — se lhe derem tempo!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



Quando BYRON morreu

PELA LIBERDADE DA GRECIA

1823. A Europa agita-se, mais uma vez impaciente, insatisfeita. A paz da Santa Aliança, substituindo os Bourbons a Bonaparte, não liquidava os antagonismos existentes e não dava aos povos nem mais liberdade nem mais justiça.

Justas reivindicações, anseios de independência, tudo fôra esquecido em respeito ao denominado equilíbrio europeu que assentava, fundamentalmente, na consanguinidade das testas coroadas e no prestígio—todo convencional e frio—do duque de Wellington.

Comparado a este quadro que não tinha sequer grandeza, resultava ainda mais brilhante—ao espírito romântico que nascia— a estrela napoleônica desaparecida em Waterloo, aureolada do prestígio de mil vitórias e da fama do seu herói quasi lendário. Em toda a parte eram evidentes os sintomas de reacção. A Santa Aliança começava a vacilar nos seus débeis alicerces, ao choque dos interesses dispares e ao primeiro sópro do espírito renascido.

É neste ambiente duma Europa cuja coesão era mais aparente do que real, que se travam as primeiras lutas pela liberdade da Grécia. Alguns dos seus filhos tornam-se chefes de bando. Multiplicam-se os grupos de patriotas. A prolongada sujeição de que saíam, imprime-lhes, contudo, especiais características. Há uma mistura estranha de grandeza e de miséria, de patriotismo e de banditismo, nesses novos cavaleiros que primeiro se erguem contra o domínio turco.

Já antes Byron tinha sido impressionado pela dolorosa sujeição da Grécia e ela lhe inspirou algumas das suas mais belas estrofes:

*Bela Grécia! Triste reliquia duma grandeza desaparecida!
Imortal! Embora já não existas mesmo tendo caído grande
Quem se colocará à frente de teus filhos dispersos?
Quem te livrará duma escravidão a que estás por demais habituada?
Eram bem diferentes os teus filhos que outróra
Guerreiros sem esperança, aceitando o seu destino,
Esperavam no desfiladeiro sepulcral das Termópilas desoladas.
Oh! quem tornará a encontrar aquele espírito heróico?
Quem saltará os bancos do Eurotas e te acordará no teu túmulo?*

As palavras de *Child Harold* não tinham perdido ainda a sua significação no pensamento do poeta. Toda a Europa intelectual, que admirava Péricles e se educara com Platão, se entusiasmou com os primeiros sucessos obtidos pelos gregos.

A situação na Grécia estava, porém, longe de ser favorável. Os partidos e os chefes não se entendiam e a Santa Aliança velava pela integridade do Império Otomano...

Byron, apesar das dificuldades, sonhou tornar-se o seu libertador. Abandonou a Itália, o luxo, o prazer duma vida sem cuidados, para se entregar ao seu sonho. Ia, finalmente, ele próprio, ser um pouco do que tinham sido nos seus poemas os heróis byronianos, que ao sossêgo da sociedade preferiam o tumulto das tempestades e das paixões, que trocavam a poesia pela acção, que eram fortes, temerários, heróis, ao passo que ele era apenas na vida um homem tímido e côxo, que a Natureza tinha feito belo e que a vida tornara poeta...

No dia 5 de Janeiro de 1824, depois duma viagem aventureira em que por pouco escapou ao perigo de ser feito prisioneiro pelos turcos, chegou a Missoloughi, pequena cidade de pescadores, semi-selvagem, onde o príncipe Mavrocordato tinha estabelecido o seu quartel-general.

O impulso romântico e generoso que o levava à Grécia não lhe destruiu, porém, o bom-senso. Era de facto muito difícil poder evocar a pátria de Leónidas naquela pequena cidade cheia de lama e de mosquitos, entre mercenários famintos e mal pagos que ameaçavam revoltar-se, e pretensos té-



nicos de todas as línguas e de todos os países, cujas ambições eram mais fortes do que os ideais que professavam.

Byron analisava a situação com apreciável sangue-frio e procurava remédio para todas as dificuldades. A sua fortuna e os seus rendimentos não lhe pertenciam mais. Ganhava prestígio. Tornou-se, pela força das circunstâncias e pela força da sua personalidade, o único chefe político e militar sensato, a quem se recorria para apaziguar disputas, para pagar aos suliotas, para organizar e apetrechar o exército, para melhorar as defesas da cidade, para planejar operações militares contra os turcos.

Mas em Missoloughi tudo faltava, principalmente apetrechamentos para um verdadeiro exército. Byron lutava com dificuldades de toda a ordem. Sua actividade multiplicava-se e a sua saúde ressentia-se desse esforço.

Em 9 de Abril, no decorrer dum passeio a cavalo, foi surpreendido pela chuva. Uma rápida doença o devorou em dez dias. Byron morreu quando menores eram as suas esperanças no triunfo da causa a que se dedicava...

A Grécia ficou de luto. Toda a Europa intelectual, que pela voz de Goethe tinha saído a partida do poeta para combater os turcos, se comoveu com o trágico fim. E a própria Inglaterra perdoou ao homem as suas fraquezas na hora do seu heróico sacrifício.

Um grande movimento de simpatia pelos gregos se desenvolveu em todos os países, e principalmente na velha Albion, por motivo da morte de Byron. Apoiado nele, Canning derrubou toda a política seguida até então pelo Foreign Office e na batalha de Navarino, dois anos mais tarde, as esquadras inglesa, russa e francesa, asseguravam a liberdade da Grécia. Era o fim da Santa Aliança. O sacrifício de Lord Byron não tinha sido feito em vão.

Em Missoloughi, destruída pelos turcos, e mais tarde reconstruída e saneada pelos gregos, existia ainda há pouco tempo, antes que a guerra e o sacrifício tivessem mais uma vez atingido a antiga Helade, no Jardim dos Heróis, uma coluna com o nome de Byron. Todos os pescadores e camponeses daquela região conheciam esse nome e o veneravam. Talvez fossem poucos os que soubessem que esse inglês era Lord e poeta—um dos maiores poetas do seu século—mas nenhum ignorava que tinha sido um homem corajoso e generoso, que morreu pela Grécia porque amava a Liberdade.



FERREIRA GRAÇA

7 DIAS

de cinema

Por FERNANDO FRAGOSO



A história é má. A planificação, precária e insuficiente. Estes factos, só por si, explicam a tibieza do filme. *Ave de Arribação* sofre, antes de mais nada, dos defeitos que tinha forçosamente que acusar no papel. Daí, o convencionalismo das situações, a atrabiliária sucessão das cenas, a ausência de coesão e o ritmo hesitante da narrativa. A história é má — e, o que é pior, está mal contada.

Não pensem os leitores que nos move, contra o filme, qualquer má-vontade. Mas a verdade é que não pode admitir-se, a bem do cinema português, que se continue a persistir nos mesmos erros. *Ave de Arribação*, como obra cinematográfica, é parente próximo de *Pão Nosso*, com idênticas qualidades e defeitos. E se Armando de Miranda, em *Pão Nosso*, se limitou a apresentar os «salvados» dum filme — em *Ave de Arribação* tem pesadas responsabilidades.

Armando de Miranda foi o autor do argumento e diálogos, o planificador, o realizador e o montador. Quere dizer: Brum do Canto faz escola. E enquanto tal se der, os filmes não passarão de «casos pessoais», com tôdas as desvantagens inerentes... Por mais que a crítica insista e o cinema estrangeiro nos traga todos os dias exemplos significativos dos benéficos resultados da sub-divisão dos cargos, em Portugal, qualquer se arroga o direito de assumir, dentro do mesmo filme, quatro, cinco ou seis funções distintas, que exigem uma especialização profissional bem marcada.

Se Armando de Miranda se houvesse rodeado de bons colaboradores, nos diversos «rayons» da produção, *Ave de Arribação* seria com certeza muito diferente — e muito melhor.

* * *

Armando de Miranda tem a paixão do ar livre. Os seus filmes trazem-nos os largos horizontes, os recantos pitorescos, as planuras sem fim, as serras

altaneiras — a paisagem maravilhosa de Portugal. A sensibilidade do poeta e a visão do artista, comprazem-se na contemplação da Natureza. E não há dúvida de que Armando de Miranda sabe compreendê-la e admirá-la — e transmitir-nos, através da câmara cinematográfica, as imagens que impressionaram a sua retina. *Pão Nosso* cantou a planície alentejana. *Ave de Arribação* traz-nos os murmúrios do mar, nas edênicas praias algarvias.

Foi dentro deste cenário, belo e grandioso, que Armando de Miranda localizou a romântica aventura da refugiada estrangeira, apaixonada pelo pescador. A moldura é rica de mais para o assunto. E não admira, por isso, que o ofusque, por vezes.

Não vale a pena discutir a história. É ingénua e banal. Vazia de conteúdo humano. E «perde-se», a miude, do seu próprio destino. Um exemplo? Leonor Maia vai para o farol. O avô confia-lhe a guarda da luz que alumia os navegantes. O iate da aventureira vai sair. Leonor sabe disto. Dentro do seu espírito — trava-se a luta. Prefere ver o noivo morto a sabê-lo nos braços da mulher fatal. Apaga o farol. E que acontece? Nada. Do barco, não mais sabemos. O que se passa em terra, não tem reflexo algum a bordo!

Certas seqüências, com uma realização mais hábil, fugiriam ao ridículo. Cito, por exemplo, a festa náutica. As regatas — tema que o cinema português ainda não tratou — podiam constituir um «clou» do filme. As corridas de natação, prestavam-se, igualmente, a uma vigorosa demonstração de beleza. Assistidas por meia dúzia de comparsas, sem entusiasmo nem vibração, comprometem ainda mais o desfecho — o beijo da «vamp», no amante pescador...

As canções desempenham nos filmes de Armando de Miranda papel de relévo. A tendência parece-nos de louvar. Mas é necessário que a imagem as acompanhe, em perfeita comunhão. Com a «serenata», *Ave de Arribação* atinge um dos mais altos momentos musicais. Mas, em compensação, as imagens são duma pobreza desoladora, e cansam, à força de confusas e repetidas.

A poesia tem também uma quota parte importante na acção. A estátua da mulher nua, esculpida na areia; o búcio que traz a voz do homem amado; a alucinação da rapariga, à noite, na praia deserta — são idéias bonitas, mas nem sempre se prestam a uma fácil transposição cinematográfica. Há que realizá-las pelo menos com a «altura» que elas tomam em relação às coisas triviais da vida.

* * *

Temos direito a esperar mais de Armando de Miranda. E não parece impossível que as suas quali-

dades dominem os defeitos dos dois trabalhos que apresentou, no dia em que souber rodear-se duma equipa técnica à altura das circunstâncias e quando se convencer — e puder convencer os produtores — que os problemas do cinema não se resolvem apenas com boa vontade e que as soluções de recurso têm que ser doseadas. O facto de ter filmado grande parte do filme em mudo, para recorrer à post-sonorização, é um exemplo do que afirmamos. Faltam planos aproximados, no ar livre — e ouvimos, em primeiro plano, diálogos que se passam a muitos e muitos metros de distância.

Já afirmei a Brum do Canto, a propósito de *Fátima*, e a Armando de Miranda, ante a sua *Ave de Arribação*, que a acumulação de cargos rouba ao filme a possibilidade de lhe eliminar defeitos e filtrar as impurezas. Armando de Miranda pode ser um esplêndido director — e um planificador de mérito reduzido. Talvez seja, como autor, digno da nossa admiração — mas nada impede que falhe estrondosamente como montador. E ainda que, por hipótese, fôsse possível encontrar a «avis-rara» que dominasse tôdas as funções com idêntica competência, o facto de estarem consubstanciadas numa só personalidade, evitaria a crítica utilíssima que nasce fatalmente do facto do mesmo trabalho ter de ser encarado e resolvido por um conjunto de pessoas com sensibilidades, critérios e pontos de vista diferentes.

E dito isto, que me não canso de repetir, fico à espera do filme em que Armando de Miranda possa justificar as possibilidades reveladas em alguns momentos de *Ave de Arribação* — filme que nos traz, em imagens lindíssimas, sugestivos aspectos de uma das mais lindas províncias de Portugal.

Ilse Werney, uma grande vedeta alemã, acaba de filmar «Boças em Bärenboj», que veremos na próxima época de cinema.



CALCADA DA GLÓRIA

NOTA A ABRIR

NESTE momento em que todas as donas de casa se vêem em graves embaraços para preencher o «menu» das suas refeições, não deixará de ser oportuno oferecer-lhes algumas receitas — simples, acessíveis e apetitosas. Comer, todos sabem. Saber comer, nem todos. As receitas que vamos dar-lhes, além de satisfazer os mais requintados apetites, têm a vantagem de dispensar certos géneros difíceis de obter.

SOPA DE COENTROS

Pisem num tacho alguns coentros, sal, pimenta e uma dentadura de alhos. Depois de tudo pisado e repisado, deem bastante azeite, pão e água a ferver, devendo ficar com algum caldo. Tapem e deixem abeberar.

EIROZES DE CALDEIRADA

Se não arranjam coentros, nem pão, nem bastante azeite, cortem em pedaços algumas eirozes (podem ser masculinas ou femininas), preparem-nas, deem-nas numa caçarola com duas cebolas cortadas às rodas, um dente de alho careado, salsa picada, dois pimentos, um tomate, uma folha de loiro, vinagre, vinho branco, fatias de pão, e um bom naco de manteiga. Cozam a lume brando e sirvam-se à vontade.

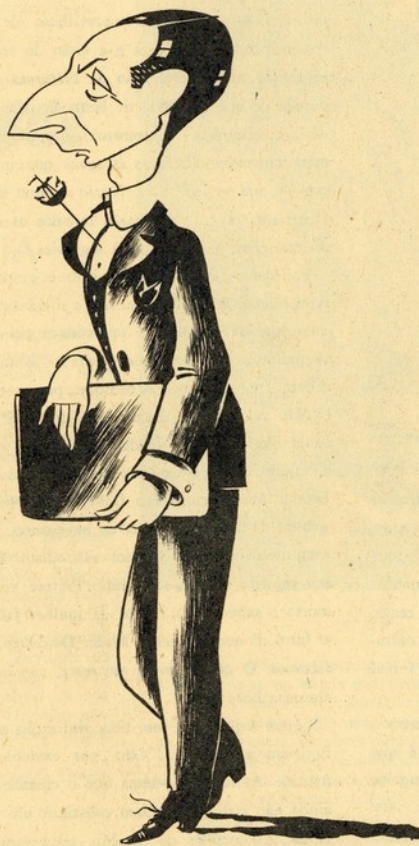
OVOS À TIROLEZA

Se não arranjam um bom naco de manteiga, desfaçam duas dúzias de gemas de ovos, muito frescos, de gente conhecida, juntem-lhes bocadinhos de vitela, pimenta, sal e uma noz moscada bem ralada. Passem tudo por um pano, tapem o tacho e ponham a cozer em banho-maria — se a cozinheira tiver este nome.

BACALHAU DE FRICASSÉ

Se não arranjam ovos, cozam um bacalhau — do bom — tirem-lhe a pele e o osso, envolvam-no em farinha de trigo, molhem-no numa gema de ovo de pata, fritem-no em óleo de rícino acompanhado duma série de rodas de batata — e, desde logo, lhe podem pôr a alcunha de fricassé.

O BOM PASTOR



Ao contrário do que muita gente imagina um «homem de peso» não se determina pelo número de quilos que pesa. Veja-se, por exemplo, o caso do sr. Luís Pastor de Macedo! É ou não é este homem, nos domínios da nossa actual política de espírito um «homem de peso»? É. E, entretanto, segundo uma meticolosa balança nossa amiga que já, por várias vezes, o tem tido nos braços, o sr. Luís Pastor de Macedo não vai além dos quarenta quilos. Se no homem pode existir a categoria de «fausse-maigre», o sr. Pastor de Macedo pertence a essa categoria. Esguio; pálido; um ar finamente romântico; um bigode que, à semelhança do perfume, se sente, mas não se vê; primoroso no trato; inflexível na moral; voluptuoso na arqueologia — chegou aos quarenta anos (dizemos quarenta anos por amabilidade) com uma obra que merece, indissolúvelmente, registo. Como vereador que foi da Câmara alfacinha — a sua acção ainda hoje perdura; como historiador das velhas ruas lisboetas — os seus livros constituem valiosos documentos que sempre hão-de consultar-se, com proveito. Actualmente o sr. Luís Pastor de Macedo ocupa o cargo de Comissário do Governo junto do Teatro D. Maria; e, se nos é permitido dar novidades «à sensation», diremos que Sua Ex.^a está preparando um grosso volume sobre a caixa de rapé de Garrett, e tratando dos papéis para se casar em breve... com a Morgadinha de Val-Flor!

BIFE À CHATEAUBRIAND

Se não arranjam bacalhau — do bom — cortem uma tenra fatia de carne limpa, e batam-na muito bem sobre a táboa; temperem-na de sal e grelhem-na em seguida, a lume forte, tendo o cuidado de virar a carne e revirar o ôlho, a fim de que tudo fique bem passado. Serve-se com batatas fritas, rodela de limão e bastante molho — para não ficar muito chateau.

CODORNIZ ASSADA

Se não encontrarem carne tenra, limpem uma boa codorniz, embrulhem-na em folhas de parreira, com uma prancha de toucinho por cima e por baixo, de forma que apenas se lhe vejam os pés calçados à Luís XV. Volteiem-na no espêto durante vinte e dois minutos e saboreiem-na com fatias de pão torrado.

SALMÃO GRELHADO

Se não encontrarem codornizes, cortem um salmão em postas, façam-nas marinar durante uma hora em salsa, pimenta e cebolinhas picadas. Envolvam em seguida cada uma das postas numa folha de papel sobre a qual se estenda uma porção de postas já marinadas, e, assim, se põem sobre lume vivo durante meia hora, voltando-as, várias vezes de barriga para o ar. Ligeiramente corado o salmão, desembaraçam-no do papel — e com molho de alcaparras é de chorar por mais.

RABANETES

Se não encontrarem salmões, contentem-se com rabanetes — embora menos digeríveis do que os rábanos, segundo afirmam os gourmands da especialidade. Limpem-nos, cortem-lhes os pés e, em vez dos pés, partam-nos às rodas para girarem melhor.

Se não encontrarem nem coentros, nem eirozes, nem ovos, nem bacalhau, nem carne, nem codorniz, nem salmão, nem rabanetes, então, respeitáveis e solícitas donas de casa, o melhor é desistirem — e esperarem o fim da guerra. De resto, já dizia um velho general: «Em tempo de guerra não se limpam armas — nem tachos».

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

VAMOS PESCAR CAMARÃO?

1—Vamos pescar camarão? É só dar um salto ali à Cova do Vapor, onde encontraremos Gina Esteves, uma cantora da rádio que tem «fans» «de mais a mim, mais a mim», e que vemos aqui nostálgica, sem saber que fazer...

2—Depois de uma indecisão, resolve-se finalmente. Avança pela água de camaroeiro ao ombro...

3—E olha-nos como que a desajitar-nos. «Vocês vêm ou não?» O camarão vivinho está a fazer-lhe cócegas nos pés...

4—E mergulhar! Upa! Upa!... Digam lá se a Gina Esteves não lembra a aliciante Dorothy Lamour?

5—Eis um dia de trabalho útil! O camarão é tanto — bela lição nos deu, hein — que para o trazer para terra, só se fôr assim puxado!...

(FOTOS SERÓDIO)



TEMPOS CREADORES

A "BATALHA" E OS JORNALISTAS DO POVO

TODOS os dias passo junto ao portal, agora esgaravado por garotos e galinhas anémicas, do antigo Correio Geral, na Calçada do Combro. Ainda salientes os sulcos dos velhos carretões de pesadas caixas, pois a antiquíssima mala-posta saía dali, juízo reanimaram-se os portais do pátio interno e voltar a ressoar, no edifício imenso, o grito da plebe. Era em 1917, entre Abril e Maio, quando governava o dr. Afonso Costa, temeroso do proletariado que sentia crescer por entre as ruínas de uma sociedade em demolição sem nada a substituir nos caboucos ruinosos... Nem romanticismo nem realismo — apenas a livida claridade clorótica de uma democracia exangue, esterilizada nos seus contactos com a juventude criadora do povo em armas...

Um pouco acima, na Travessa Água de Flor, outro palácio velho e limpo abrigava os sindicatos gráficos. O nosso grupo, de quatro ou cinco tipógrafos, cotizara-se e saíra, atrevidamente, com um semanário em segunda série de um anterior e transitório diário. Eu fiquei no primeiro número como redactor principal e, além de escrever uma boa parte, compusera-o, e só não o imprimira por não saber. Mas deixara, cidade fora, com grosso masso de jornais, a apregoá-lo, e comigo outros três ou quatro fundadores. O caso deu que falar, e o semanário «pegou». Passados meses, estavam nos cinco mil exemplares, número ideal mesmo para um diário; e já as colunas eram melhor frequentadas e, essencialmente, mais variadas.

A rede de jornais avançados, em todo o mundo, não era lá muito densa que se diga, e por isso, feito o seu quarto de sentinela muito honradamente, o semanário «A Greve» desapareceu para dar lugar, em Janeiro de 1919, ao diário «A Batalha». Formato reduzido, composto em tipo velho e revêlo e ornado de umas zincografuras superlativamente cómicas hoje em dia, ninguém faz idéias dos trabalhos, escreveremos mesmo, com absoluta fidelidade, das canseiras esfaufantes que custou agüentar essa aparência de jornal moderno.

Mas agüentou-se e fez-se, mantendo na sua época o fôro de perfeição gráfico-redactorial, graças à unidade de ortografia introduzida por Alexandre Vieira, ao brilho de orto-fonia da secção de Perfeito de Carvalho, o espirituoso autor da secção «Peço a Palavra», e à competência superlativa de mestres do pensamento contemporâneo da categoria de Neno Vasco, de Manuel Ribeiro, de Emilio Costa, de Sobral de Campos, do velho Ávila, e de simpaticantes tão categorizados como Basílio Teles — conforme conta Raul Brandão nas suas «Memórias», julgo que no «Vale de Josaphata», correspondente ao volume terceiro, quando o foi encontrar no Pôrto, sempre encafiado no velho quarto, no velhíssimo gabinado esverdeado, e manipulando, por si próprio, a malga de feijões e couves:

— Os rapazes da «Batalha!» Que grande força aí está! Os partidos já deram o que tinham a dar; se fôr para Lisboa é para escrever com os rapazes da «Batalha!» Que força...

E tanta era, com efeito, que à força de tiros e cuteladas lá nos dispersaram e fizeram debandar o mais ruidosamente possível. Oh! força! Que podes tu, por muito vigorosa e juvenil que sejas, ao aplicarem-te dose dupla?

Olvídemos isso, porém. Recordemos, apenas, que, mal vicejantes os diversos extremismos sindicais e sociais, já nos considerávamos decanos, neste nosso Portugal, dêles todos.

De quem falamos acima, quasi todos morreram. Outros, absorvidos por modalidades diferentes da actividade profissional, deixaram de aparecer. Quem não recordará, no entanto, Neno Vasco, já nos seus

últimos anos, mas sempre modestíssimo, a redigir, sózinho, a sua «Sementeira»? Formado em Direito, chamava-se Nazianzeno de Vasconcelos, e o escritório em que se empregava desconhecia a sua formatura, julgando-o todos um simples contabilista.

Outra figura de singular prestígio moral, era o «velho Ávila», octogenário, desfalecendo aquebrado pelos anos e misérias, numa enfermaria de S. José, e sempre a bradar, lucidíssimo, a sua visão dos tempos de mais próxima e completa justiça social. E que direi para melhor exaltar a figura suave e pensativa de Manuel Ribeiro, o eterno místico, puritano transviado na nossa sociedade selvática, e pouco capaz de lhe respeitar e conservar as fibras do terríssimo coração? A obra dêle está feita e pode considerar-se perfeita. Sem embargo, com que riqueza de emoções humanizou, na sua interpretação portuguesa, as «Reflexões sobre a violência», de Sorel — pedra angular, indispensável, dos edifícios nacionais-sindicalistas ou nacional-corporativistas, como entendam, erguidos sob o império da necessidade absoluta em todos os Estados do mundo! Se houvesse tempo para escrever a história do pensamento português nessa idade primitiva do folheto e do panfleto, do romance e da poesia, nessa fecunda criação dos tempos modernos, que imenso papel não teríamos de atribuir, desde já, a Neno Vasco, a Manuel Ribeiro e a Perfeito de Carvalho? E regendo todos, com a sua batuta neo-ortográfica, impoñdo a benéfica tirania do «sacento circumflexo», êsse portador e defensor da fé sindical que se chama Alexandre Vieira, portuense honrado e de tão perfeita assimilação a Lisboa, que por «alfacilhas» muitos o tomam ou desejam tomar.

O ardo da mocidade fez-nos viver, em segunda escala, o convívio dessa gente. Isso explica e desculpa o tom apologético dêste artigo, o seu espontâneo partidarismo, o seu franco ar sindical. Por êsses anos, saíram os primeiros números do «Despertar», órgão de juventudes sindicais, e nesses jornais se revelaram jornalistas e escritores da categoria de Artur Portela e de Mário Domingues. O primeiro, com estilo denso, renovador, e nessa época naturalmente excessivo do puñança, definiu-se definitivamente no «Diário de Lisboa». E o segundo, admirável novelista da realidade lisboense, equilibrado e exigente esteta do neo-romantismo social, teve sempre lugar e categoria próprios.

Tem, por igual, lugar de honra nesta desautorizada evocação, Eduardo Frias. Apareceu, um dia, no «Anuário Comercial», a Alexandre Vieira, com um monte de papéis, todos desiguais entre si e por igual escritos com a mesma tinta fuliginosa, de que só o abade Faria, no «Conde de Monte-Cristo», parecia ter o segredo. Com quatro retoques da implacável caneta do nosso redactor-principal, surgiu a admirável galeria dos mestres dolorosos: desde os limpa-esgotos até os limpa-chaminés.

Pois aquilo não era «garganta» apenas — como se diz em caíto. Eduardo Frias pintou tudo isso com arrepiante exactidão, com notável sinceridade, com absoluta verdade. E quasi ao mesmo tempo que os seus «dinguados» desiguais e enrugados, escritos com a tal tinta fuliginosa de que ainda hoje em dia desconhecemos a fórmula, surgiu-nos o vulto sorumbático e nasalado de Ferreira de Castro, com calças brancas, um jornal à moda do Rio — grandes títulos e pouca prosa — e, lá dentro, como imensa chaleira azedada pela desventura, as figuras universais dos «Emigrantes» e da «Selva», ainda por escrever mas já a deitar o nariz de fora, desejosas de projecção mundial.

Grupo ruidoso e atroador, teve ainda outra expansão jornalística: o diário da tarde «Avante!». Se a «Batalha» tivera um êxito ruidoso, embora fisea-

lizado e contido pela ética sindical, moralíssima e ultra-rígida sob êsse aspecto, o diário da tarde, cuja direcção pertenceu a Francisco Direitinho, dispunha de plena liberdade de acção.

Êste Direitinho, um homem moreno perpetuamente inquieto, com Guilherme Lima, gráfico morço na rua Luz Soriano durante um acidente, era também, como eu, tipógrafo. Entre os três compunhamos e escreviamos o jornal.

Eu especializara-me em editoriais superficialmente sediosos, mas que tiveram o especial condão de irritar o delegado do Ministério Público. Ferveram as querelas sobre o «Avante» e, sempre que correspondiam a artigo meu, assinava as respectivas «contra-fês». Chegada a certo número, havia que ir à Boa-Hora e prestar declarações. Ora o ambiente adensara-se ainda mais devido à lembrança bem pouco oportuna que tivera parte da esquadra francesa em operações no Mar Negro: aderir ao regime socialista e protestar contra o general Wrangell.

Assinei a contra-fé referente a êsse artigo, naturalmente bulhoso, e no dia marcado fui muito naturalmente para a Boa-Hora, sózinho e apenas com dois exemplares do «Avante» titanicamente querelado. Ali esperêi umas quantas horas, até que o juiz respectivo disse ao aguazil:

— Que entre o redactor do «Avante!» Ainda estou a ver a estupefacção dêsse senhor magistrado, de barbas muito brancas, ao fitar-me de cima até abaixo. Depois, tornou-se vermelho de cólera, na pele muito fina, e bradou ao escrivão: — Diga a êsse rapaz que não mandei cá vir o aprendiz da tipografia, mas sim o redactor do «Avante» autor dêstes desatinos!

E eu, muito empergido nos meus dezassete para dezito anos, acabei com voz trémula:

— Eu sou as duas coisas ao mesmo tempo: sou aprendiz de tipógrafo e sou também redactor. E redactor não só do «Avante», mas também da «Batalha». Aqui tem o meu cartão sindical, senhor juiz. Agora que... não tenho culpa de ser ainda tão novo e de não ter tido tempo para lavar esta tinta de imprensa...

E apontava, trémulo, para as mãos, onde uma valentíssima bôra de tinta alastrara até às unhas e, agora, com a transpiração, ameaçava tornar-me a pele vitalicamente escura.

Entretanto, o juiz desengurara a testa e sorria-se do meu ridículo embaraço. Pegara no masso de querelas e começou a ler. Voltou a olhar e voltou a ler. Repetiu-se aquilo três ou quatro vezes, e eu já me sentia afrontado, indispósito e prestes a gritar um «viva» qualquer, só para terminar com aquela cena, quando se deu um desfecho imprevisito:

O velho magistrado levantou-se e disse ao escrivão: — Arquite com a nota: irresponsável por menor idade!

E, para mim, grave, sorridente e bondoso: — Sou um velho, e tenho filhos e netos. A lei permite-me ser benévolo consigo. Mas peço-lhe que, de futuro, pense melhor nas consequências legais do que escreve, pois quem responderá não será o senhor, mas sim o editor.

Eu ia a objectar qualquer disparate. E o bom magistrado rematou:

— Devo dizer que, embora discordando da orientação geral do que o senhor escreveu, gosto, no entanto, e encontro certa originalidade. Que a sua prosa tem erros, tem, não se vá julgar mestre, mas se tiver a paciência de os corrigir, talvez venha a ser alguma coisa de jeito no nosso jornalismo. Com a ajuda do tempo...

E, levantando a cortina côr de violeta, despediu-me.

CONSIGLIERI SA PEREIRA



Alexandre Vieira que foi redactor principal da «Batalha»



Eduardo Frias, que foi outro rapaz do grupo da «Batalha»



O prof. Emilio Costa que pertenceu ao grupo dos rapazes do mesmo jornal

PARA AS JOVENS ALEMÃS



LEMBRAM-SE de quando há anos apareceram, nos campos desportivos, as primeiras rodas de Rhön? Então, houve risota e ninguém queria acreditar que aquilo tivesse préstimo—outro préstimo que não fôsse o de fazer rir...

Mas, depois, veio o interesse. Todos começaram a ver nessa nova e original prática desportiva, verdadeira beleza acrobática, em função de robustecimento de músculos. Hoje, as rodas de Rhön fazem parte dos grandes espectáculos desportivos e os adeptos do nosso desporto aperfeiçoaram, pela experiência, a velha técnica, demonstrando agilidade, destreza e equilíbrio perfeito.

Como «funciona», pois, este exercício?

Eis uma explicação rápida que o leitor poderá experimentar em casa—desde que disponha de uma roda Rhön...

Metem-se os pés numa fivela, por sua vez presa na parte inferior da roda, e com as mãos, segura-se numas argolas. Tem que deslocar constantemente o péso do seu corpo, voltando-se sobre o próprio eixo. Vai rolando, fazendo curvas para a direita e para a esquerda e encontra-se subitamente com a cabeça para baixo, os pés para cima e vice-versa—e pronto, está tudo sabido.

As jovens alemãs entregam-se hoje com entusiasmo à prática deste espectacular desporto que tem emoção e elegância. Exercitam-se em grupos, dão saltos e conseguem fazer figuras tão complicadas, que quasi estamos tentados a chamar a este desporto uma arte acrobática. Trata-se, porém, de um género de jogo desportivo, que reúne várias formas gimnásticas. A roda de Rhön é o desporto favorito das raparigas. As nossas figuras são testemunho da elegância e da graciosidade que elas all podem atingir, não é verdade?

Jôgo, desporto ou acrobacia?



NA TAPADA DA AJUDA TAMBEM HA RACIONAMENTO PARA OS PATOS...



'Fotos Seródio'

QUEM entra na Tapada da Ajuda, apesar de estar dentro da cidade, tem logo a impressão do campo e da sua vida bucólica. Mal se andam trinta passos, transposto o portão, logo o cheiro forte da caruma dos pinheiros paira no ar, agreste, como em qualquer aldeia distante, num recanto de Portugal. Depois, à medida que caminhamos, o cenário rústico vai-se adensando. Ali é uma charrua, pacherrenta, mais a junta de bois, abrindo sulcos na terra — enquanto à frente, a vara sobre o ombro, barrete no tontão, o boieiro vai incitando: «Eh! mourisco! eh! mourisco!». Bandos de pombas, esvoaçando, cruzam os ares, em vôos vertiginosos. Da ramagem das árvores, dos altos cedros e choupos, de folhas quietas, que o Norte está mudo de cantigas, a passarada, atarantada do ruído, vai de fugir, em negras nuvens.

Mais além, são mulheres de lenço, trigueiras do sol que tosta, pelo meio do feno, as pernas nuas, no amanho da terra. A Tapada é grande — perde mesmo um homem o tino da porta. Pela estrada há setas que indicam os locais: «estufas», «vacarias», «lagoa branca», «lagoa preta». Andamos vinte minutos, por caminhos de cabras; pé ali, pé acolá, chão escorregadio e em declive, por via da «lagoa preta» — «lagoa preta» porque as pedras que a formam são negras como o carvão — o que ainda contrasta mais o verde das plantas que a ladeiam. Nós vamos ali por via duns patos — centenas e centenas que a «Campanha da Produção» mandara criar, para apuramento de raças e venda ao público. De facto, ainda faltaria percorrer um quilómetro para lá chegar, e já nos nossos ouvidos morria, em surdina, aquele fantástico orfeão de quinzentas gargantas garralhando o seu hino triunfal. O senhor Trindade é o tratador daquela numerosa família.

Mora numa casinha por cima do terreiro, num alto, donde os pode vigiar. As nove e meia da manhã, prepara a ração. Cada pato come cem gramas de farinha, sêneas, cevada e centeio, tudo muito bem amassado. Há mesmo uma máquina para partir a hortaliça. A sobremesa é constituída, para cada um, por dez gramas de gorduras. Agora o interessante é ver o senhor Trindade, de calças de ganga, camisa arregaçada, entrar no terreiro — um recinto largo — a deitar a comida aos «amiguinhos». Ainda ele vem com um grande balde de zinco, atulhado até acima, e já a algazarra é de endoidecer. É o fim do mundo! O senhor Trindade, para fazer pirraça, não deita a comida; coloca o balde no chão e faz um discurso àquela grande massa. Parece um comício — os patos rodeiam-no, dão-lhe marradas nas pernas, quasi que sobem por ele acima — e reclamam, em alto e bom som, a comezaina. É uma manifestação impressionante contra a fome.

— Schiu! Schiu! — diz o tratador. Eles parecem perceber — e, aos poucos, o orfeão deixa de se ouvir. Quando está tudo sereno, o senhor Trindade dá dois assobios fortes, atira com as sêneas para dentro das gamelas — e, ai Jesus! — Aquilo é um desespero egoísta, só comparado aos dos animais de dois pés quando abrem as cancelas do «eléctrico»... Em menos dum rascar de fósforo, a gamela fica vazia. Com a pança atestada — até onde podem chegar os cem gramas da farinha — dão pelo terreiro duas voltinhas. Alguns, mais sisudos, aconchegam-se ao sol, conversando na sua linguagem, decerto interessante, mas que a gente só a entende no prato com arroz de cabidela.

Em cima do comer, qualquer cidadão espreguiça-se, boceja, e se tem vida para isso, ferra-se numa soneca de regalar.

O amigo pato, não engole as sêneas, omeça: «quá-quá-quá» — e isto aumenta de

ritmo à medida que o paciente e dedicado tratador finge não perceber. Sabem o que eles querem? nem mais, nem menos: banho. E vá lá tirar-lhes aquilo da cachimónia — só com a faca no alguidar. Pois não têm medo de congestões, nem resfriamentos — enchem o papo e exigem a água para a sêsta. Então, o tratador abre as portas de rede de arame, dá outra vez dois assobios característicos, e S. Ex.ª, contentes, sem «maillots», absolutamente ao natural, entram na água em grandes mergulhos, nadando num alvoroço d'alegria. A «lagoa preta» fica coalhada. A garralhada continua. Mas, então acontece uma coisa interessante: como já têm a barriga cheia — estão dentro de água — bem pode o senhor Trindade, cá de cima, fazer habilidosas assobiadelas, que — pois sim, rala-te! — não lhe voltam trôco. De que se lembra, então, o tratador? Junto da margem, com o balde vazio, simula deitar comida — e se querem ver: aquelas almas danadas deslizam pela água como peixes. Aproximam-se da margem — percebem o lôgro e não voltam mais.

As quatro horas é a segunda refeição. Como apreciaram imenso o succulento almoço — voltam a comer do mesmo. As sêneas desaparecem, rapidamente, engolidas com a sofreguidão de esfaimados. Unicamente o jantar já não obriga a banho. Podem dar um passelo higiénico, dentro do terreiro, que, daí a pouco, as capoeiras acolhedoras esperam-nos.

E, com a melhor ordem, quasi debaixo de forma, abrigam-se nos telheiros. É quasi noite. Apenas na Tapada têm direito a madrugada, boémios e vadios, os irrequietos pardais. São estes que gozam, na plenitude do seu viver, a santa liberdade que a Natureza dá. E, então, das ramagens espessas, das frondosas árvores, dos cimcos dos eucaliptos, livres e ruidosos, vem uma música suave: é essa passarada que não conhece leis e que nem por isso se atropela nos distúrbios que as vielas policiadas consentem a toda a hora. Este mundo das aves há muito que dá lições ao bicho-homem. Nós, por dá cá aquela palha, matamos — elas, as aves, com aquela palha fazem um ninho, com ternura e amor inigualáveis. E assim está como os patos, os excellentíssimos patos da Tapada, que foi real nas caçadas das majestades, dormem, depois do papo cheio, embalados pelo sussurro meigo da folhagem.

E isto repete-se assim, interminavelmente... até um dia, em que, gordos e anafados, a carnhina tenra peça um cheiroso refogado!...

MANUEL MARTINHO



MAKENZIE KING — Primeiro ministro do Canadá, grande figura da política internacional, chefe da oposição liberal em 1919, foi em 1921 pela primeira vez escolhido para chefe do Governo canadiano. Ocupa hoje grande lugar na orientação da guerra e a sua amizade pela Inglaterra, tem sido uma das grandes razões da contribuição canadiana, para o futuro do actual conflito.



SEMEÃO II HERDOU DE SEU PAI UM TRONO E O AMOR PELA MECÂNICA

CONSTITUIU-SE um novo governo búlgaro, depois da morte do rei Boris. Isto quer dizer que os negócios do Estado, que sempre devem caminhar a par dos interesses do povo, não encontraram ainda a sua linha de direcção, na Bulgária, um país em que a política costuma arrastar os homens para casos extremos de dramatismo. O rei morreu, a política tomou o lugar da coroa, os acontecimentos precipitaram-se, a partir de Itália — e a criança que sustenta a coroa de Fernando não sabe ainda dispor dos homens e das coisas. Tem seis anos, o jovem rei Semeão da Bulgária que, de seu pai, além da coroa, herdou também o gosto da mecânica.

Sob a orientação do professor Filov, o jovem rei, que descansa as responsabilidades do trono num conselho de regência, vai continuar os seus estudos e educação, dentro das tradições da casa reinante. Entretanto ele que, como todas as crianças, gosta de fazer e desfazer automóveis, dispõe já de uma pequena oficina onde com seu pai ia sendo iniciado nos segredos da mecânica. Hoje que Semeão II é órfão, a oficina tornou-se maior — mais vazia de afecto, porque lhe falta o belo e alegre companheiro de «trabalho». Mas lá se encontram, na pequena oficina, os «peritos» que lhe dão indicações e lhe pegam nas mãozitas tenras e gordinhas, para fazer girar o tórno e dar a volta a um parafuso...

Quando o pequeno rei fór um homem, tomar nas suas mãos a direcção dos negócios do Estado e se ferir nos espinhos da sua agreste missão, há-de refugiar-se muitas vezes no sossego da sua pequena oficina. E, então, mais do que nunca, há-de sentir saudades do companheiro de infância...

ELES NA INTIMIDADE

RIBEIRO COUTO FAZ VERSOS A JOÃO DE BARROS NA PLACIDEZ DE SANTA CRUZ...

LONGE da vista do público, como vivem e o que fazem os artistas, os escritores, esses todos que o leitor está acostumado a ver citados no jornal? Às vezes, a sua vida privada é um quadro burguês de linhas e tinturas sem interesse — outras é como que o prolongamento da sua própria obra. Por exemplo: Ribeiro Couto, que é além de diplomata e jornalista, um poeta que sabe cantar a sua terra como poucos — faz versos nas horas vagas e visita os amigos. Outro dia, foi à praia de Santa Cruz com Cesário Alvim, para ver João de Barros. Aqui os vemos sentados à sombra de uma casinha pitoresca que pertenceu a Jaime Batalha Reis e onde esteve a veranear Antero de Quental, como se diz na lápide que se vê em cima e que foi há dias colocada por iniciativa da comissão de turismo local. Santa Cruz, que já mereceu a Ribeiro Couto belas quadras, deve-lhe também esta «bucólica» com que brindou João de Barros:

*Ao longe um rumor violento...
Tropeti... e um rolar de carros...
É o mar que declama ao vento
Os versos de João de Barros.*



O pequenino rei, no meio de soldados, olha interessado a miniatura de um «tank» que acabam de lhe oferecer. O povo sabe que Semeão, como seu pai, tem a paixão da mecânica. Por isso, hoje, como há dez anos, quando ofereceram ao rei Boris uma pequenina locomotiva, maravilha de técnica, os melhores presentes para o rei são sempre os que saem das mãos hábeis dos operários que lhe próprio tanto gosta de imitar...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

CAPÍTULO XXII — A guerra no mar e nos ares

2

UMA AVENTURA NO MAR

A aventura dos navios de linha alemães «Scharnorst» e «Gneisenau» e do cruzador da mesma nacionalidade «Prinz Eugen» replegou para segundo plano todos os acontecimentos ocorridos no mar durante os primeiros meses de 1942. Os dois primeiros destes navios eram couraçados de vinte e seis mil toneladas de construção moderníssima e de grande valor militar. A sua existência constituía um motivo de preocupação compreensiva para o Almirantado britânico e, depois de Dezembro do ano anterior, para o Departamento de Marinha dos Estados Unidos, dado que este país passara a ser obrigado também a fazer a guerra no Atlântico e no Ártico onde a acção daqueles navios podia tornar-se particularmente eficaz.

Perseguido pela esquadra de linha da Grã-Bretanha, superior em número e em poder, o «Scharnorst» e o «Gneisenau» tinham-se refugiado no porto de Brest em Março de 1941. O cruzador «Prinz Eugen» recolhera ao mesmo porto em Maio daquele ano. Desde então nunca mais a aviação britânica deixara de os vigiar e a esquadra de estar alerta para evitar a sua saída eventual para o mar. Esta vigilância constituía um dos motivos permanentes de acção para as forças aero-navais da Grã-Bretanha. Em Fevereiro de 1942 contavam-se sessenta e seis ataques feitos às instalações do porto de Brest, onde elles se encontravam, todas conduzidas pelos bombardeiros da R. A. F. e considerados eficazes.

Não há dúvida de que esses ataques conseguiram atingir e avariar, em proporções consideráveis, as unidades navais alemãs fundeadas em Brest. Mas nenhum d'elles conseguiu, decerto, inutilizar qualquer dessas unidades nem mesmo collocá-las em condições de não poderem sair para o mar no momento oportuno, como era desejo do Almirantado do Reich à frente do qual se encontrava o almirante Raeder. Os chefes alemães aguardavam apenas o momento de poderem tornar effectivos os seus desejos e, para isso, haviam feito demorados e cautelosos preparativos que tinham passado completamente despercebidos tanto da aviação como dos elementos de vigilância da esquadra britânica.

OS PREPARATIVOS PARA A SAÍDA

O comando do grupo de navios constituído pelo «Scharnorst», pelo «Gneisenau» e pelo «Prinz Eugen» foi, na ocasião, confiado ao almirante Cillix conhecido nos meios navais do Reich pela sua pericia e, sobretudo, pela sua audácia. O nome do almirante Cillix não adquirira, porém, ainda nessa altura no estrangeiro a nomeada que depois veio a ter, em consequência do episódio de que foi principal protagonista e que contribuiu, poderosamente, para justifi-

car a sua ascensão a postos mais elevados quando da modificação de comandos navais que se verificou na Alemanha depois da saída do almirante Raeder do comando efectivo da esquadra alemã.

Em Brest os operários e os engenheiros alemães tinham conseguido, apesar da vigilância do inimigo, proceder às reparações tornadas necessárias em consequência dos bombardeamentos aéreos intensificados durante os meses anteriores. No dia 11 de Fevereiro estava tudo preparado para a saída dos navios que a realizar-se em condições particularmente espectaculosas e fúlgidas.

O momento foi escolhido com grande felicidade pelo almirante alemão. A noite de 11 para 12 de Fevereiro fôra particularmente escura e não permitira as habituais observações dos pilotos da R. A. F. Assim os últimos preparativos que precederam de perto a saída passaram completamente despercebidos. Com o romper da madrugada as condições de tempo não se modificaram sensivelmente. O céu continuou escuro e com nuvens muito baixas, sendo curtíssima a visibilidade. Os aparelhos de observação britânicos não fizeram a sua aparição, o que facilitou singularmente a tarefa do almirante Cillix.

O Almirantado britânico publicou, posteriormente, um relato oficial das condições em que os dois navios de linha e o cruzador alemão conseguiram sair de Brest e regressar aos portos do seu país sem terem podido ser interceptados nos seus movimentos pela acção da aviação ou da esquadra britânica.

UM GESTO AUDACIOSO

Só depois das 11 horas da manhã do dia 12 de Fevereiro os aparelhos de observação britânicos comunicaram que o «Scharnorst», o «Gneisenau» e o «Prinz Eugen», acompanhados por contra-torpedeiros, vedetas-torpedeiras e caça-minas se aproximavam do estreito de Dover vindos de Oeste. O grupo de navios inimigos era igualmente escoltado por numerosas esquadilhas de aparelhos de caça. A visibilidade no momento do alarme variava entre três e cinco milhas mas as nuvens continuavam baixas e não era possível descortinar de terra a silhueta dos navios.

O Comando Costeiro logo que recebeu comunicações do que se passava enviou ao encontro do grupo de navios alemães aviões «Swordfish» escoltados por esquadilhas de caça. O duelo travou-se imediatamente, no mar e no ar. Enquanto a artilharia anti-aérea dos navios disparava incessantemente, os duelos entre aparelhos ingleses e alemães multiplicavam-se. Mas a falta de intervenção de forças navais britânicas, suficientemente poderosas para deter a marcha dos navios alemães, fêz a nota característica da batalha rapidamente travada.

Porque não apareceram essas forças? O caso da perseguição ao «Bismark», que estava ainda na memória de todos, indicava claramente que o Almirantado e os organismos dependentes d'elles tinham as suas engrenagens suficientemente lubrificadas para que fosse possível fazer acorrer, num dado momento, a um ponto determinado não apenas os navios da «Home Fleet» fundeados nos portos metropolitanos mas os navios que se encontravam em mares relativamente distantes, com uma rapidez desconcertante. Entretanto essa mecânica,

que se revelara dumha efficácia decisiva no caso do «Bismark», não fêz sentir os seus efeitos quando o «Scharnorst» e o «Gneisenau» deixaram, na companhia do «Prinz Eugen», do porto de Brest às primeiras horas da manhã do dia 12 de Fevereiro de 1942. A constatação d'esse facto levou a conclusões que depois não foram inteiramente confirmadas pelos factos.

A SAÍDA DE BREST

Ao anoitecer do dia 11, por volta das nove e meia, as flotilhas de contra-torpedeiros e de unidades auxiliares fizeram-se ao mar. Atrás delas seguiram os dois couraçados e o cruzador alemães. A formação, que se apresentava com inegável imponência, era protegida por uma nuvem de aviões. Calcula-se que, para esse effecto, tenham sido empregados quatrocentos aparelhos cujo comando supremo estava confiado ao marechal Sperle que tomara uma parte activa na batalha aérea da Inglaterra e tinha, por consequência, um conhecimento exacto do meio em que ia actuar.

A frente seguiam os draga-minas e as vedetas de exploração. Depois as unidades pesadas, levando de cada lado seis unidades ligeiras de protecção. No «Scharnorst» estava arvorado o distintivo do almirante Cillix, chefe da esquadra alemã de superfície, depois da morte do seu camarada Lutjens, desaparecido com o «Bismark» quando este navio de linha se afundou em consequência da acção da Armada britânica.

Durante a noite de 11 para 12, a navegação fêz-se sem que houvesse a registar qualquer incidente especial. Logo que amanheceu, os homens ocuparam os seus postos de combate pois o almirante Cillix esperava, fundamentalmente, que, com o dia, teria de suportar um ataque immediato realizado em força pela aviação britânica. Nada disso, porém, aconteceu.

Só às 11 e 15 como dissemos, apareceram sobre a formação naval alemã os primeiros aparelhos de exploração do Comando Costeiro que, perseguidos de perto pelos caças de protecção alemães, puderam dirigir-se para terra afim de darem o alarme. A notícia de que uma esquadra inimiga atravessava o canal produziu, como é fácil supor, um movimento de estupefacção entre as autoridades navais da Grã-Bretanha. Como tinha sido aquilo possível? Como tinha sido possível que houvessem passado inteiramente despercebidos os preparativos, necessariamente extensos, que fôra necessário fazer antes de se tentar tão arriscada empresa? Estas perguntas, de momento, não podiam obter qualquer resposta satisfatória.

A FALTA DE NAVIOS INGLESES

O alarme foi dado e immediatamente transmitido a todos os pontos da costa que podiam ter interesse no seu conhecimento. O almirante Cillix, antes de tentar a sua aventura, sabia certamente que, naquelas paragens, os ingleses não tinham qualquer unidades pesadas, navios de linha ou cruzadores, que, pudessem, com algumas probabilidades de êxito, barrar o caminho à formação do seu comando. Essa formação tinha que fazer uma viagem relativamente curta para que fôsse possível convocar os navios da «Home Fleet» que se encontravam em bases distantes ou chamar os outros



Almirante Raeder, chefe supremo da esquadra alemã

navios da Royal Navy que operavam no Atlântico ou no Mediterrâneo, em delicadas missões de serviço.

O caso do «Bismark» não se repetiria. A batalha naval, que o Almirantado certamente desejaria, ainda não teria lugar dessa vez. No caso do «Scharnorst» e do «Gneisenau» não tinha havido apenas um conjunto de circunstâncias favoráveis, entre as quais avultavam o rigor dos preparativos feitos e a escolha oportuna do momento em que a saída devia realizar-se com condições atmosféricas particularmente favoráveis. Havia simultaneamente o conhecimento perfeito da posição verdadeira dos navios da esquadra de linha britânica pois, de outra forma, não se perceberia que os dirigentes da marinha de guerra alemã se arriscassem a sacrificar duas das melhores unidades da sua esquadra de superfície, que aparecia visivelmente desfalecida com a perda do «Bismark».

Dadas as condições atmosféricas não era igualmente possível fazer intervir a artilharia costeira de longo alcance. A formação naval, do comando do almirante Cillix, navegava para o seu destino com a certeza de que não podia ser atacada eficazmente pelo inimigo, apesar da superioridade manifestada de que este disfrutava, quando se tratava de avaliar a importância real das esquadras dos dois países. A batalha tomaria outra feição que seria, porventura, mais espectacular mas certamente menos eficaz para os alemães.

O ATAQUE DAS UNIDADES LIGEIRAS

O mundo, e antes d'ele a Grã-Bretanha, podiam compreender que o Almirantado não dispuzesse, em determinado momento, e em determinado local, das unidades pesadas indispensáveis para afrontar, com probabilidades de êxito, dois navios de linha inimigos. Mas as tradições da Marinha Real seriam certamente ofuscadas se tendo conhecimento de que havia navios inimigos à vista, os marinheiros ingleses tivessem deixado de se bater, mesmo em condições desfavoráveis.

Não era outro, certamente, o pensamento que deu origem à ordem dada para que se fizessem ao mar o condu-

tor de flotilha «Campbell e uma flotilha de torpedeiros e contra-torpedeiros, além de dez vedetas torpedeiras. Esta formação britânica era comandada pelo capitão de mar e guerra Pizey e logo que recebeu as necessárias instruções, dirigiu-se ao encontro dos navios comandados pelo almirante Cillax.

Só a meio da tarde, por volta das quatro horas, se estabeleceu o contacto. O «Campbell» lançou uma salva de torpedos, quando se encontrava a cerca de três quilómetros dos navios alemães. Continuando a navegar e a aproximar-se da formação inimiga, os contra-torpedeiros britânicos voltaram a alvejar os couraçados alemães com salvas de torpedos uma delas disparada pelo contra-torpedeiro «Worcester» quando se encontrava apenas a dois mil metros dos couraçados. Atingido novamente o «Worcester» teve de retroceder sob o fogo dos canhões pesados da artilharia alemã de bordo.

A batalha, se batalha se lhe pode chamar dada a desproporção de meios, durou uns escassos dez minutos. A tarde caiu rapidamente. Nenhuma das salvas de torpedos atingira o alvo. O «Scharnorst» e o «Gneisenau» aumentaram a velocidade. Para eles havia a certeza de que a sua aventura seria coroada de êxito. Quando a formação em que estavam incorporados alcançou Wilhelmshaver, o almirante Cillax e os seus subordinados tinham escrito uma das páginas mais emocionantes e mais audaciosas da história desta guerra.

A BATALHA AÉREA

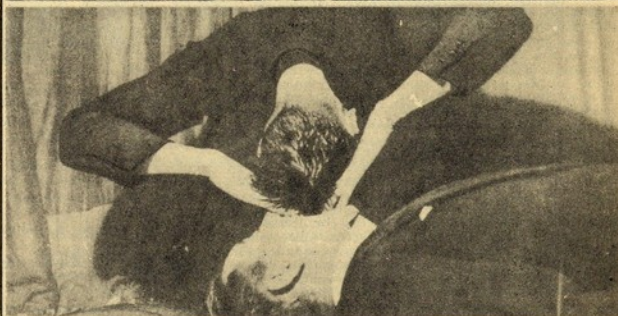
Mas se a luta no mar não atingiu proporções dignas de registo especial, travou-se, em compensação, renhida batalha no ar. Essa batalha devia prolongar-se ao longo de todo o dia 12, empenhando-se nela importantes forças da R. A. R., e do Comando Costeiro que enfrentavam a formação de protecção alemã do comando do marechal Sperre. Durante cinco horas, ininterruptamente, prosseguiu o duelo aéreo que só terminou com pesadas perdas para ambos os lados, especialmente para os ingleses, quando se revelou, com o declinar do dia, que a perseguição dos couraçados alemães era infrutífera.

Centenas de aparelhos chocaram-se, sem um momento de descanso e sem que os homens que os tripulassem pensassem, um momento sequer, nas suas próprias necessidades. As condições atmosféricas eram naturalmente favoráveis para a «Luftwaffe» que via, assim, a sua missão singularmente facilitada. As nuvens baixas impediam os bombardeiros britânicos de tomarem altura afim de poderem visar, com êxito, os couraçados alemães. Esta dificuldade aparecia agravada pelas condições da escolha de protecção desses couraçados lançava. Os atacantes voavam acima das nuvens para melhor poderem alvejar o inimigo na esperança de que uma clareira súbita expusesse o alvo que procuravam atingir à acção das suas bombas. A certeza de que a escolha de protecção desses couraçados era possível. O comunicado do Almirante britânico afirmava que um dos navios de linha alemães havia sido atingido por uma bomba.

O «Times» traduzia o sentimento geral de desapontamento que entre a população britânica produziu o episódio escrevendo: «É profundamente lamentável que este golpe tenha sido vibrado contra nós precisamente no momento em que o valor das nossas forças navais é maior do que nunca, e mais perfeito do que nunca o treino das nossas tripulações. As repercussões do incidente ocorrido com o «Scharnorst» e o «Gneisenau» foram, sob o ponto de vista militar, menores do que era lícito esperar. Nenhum daqueles navios voltou a desempenhar uma função de relevo na batalha naval do Atlântico e do Ártico. Localizados pela aviação britânica, esta não deixou de os alvejar nos portos onde se acolhiam. Um deles, gravemente avariado em Gdynia, onde se encontrava para sofrer reparações teve de ser desarmado. O outro tem permanecido quasi sempre no porto norueguês de Trondheim.

O êxito político e de propaganda conseguido com a lição do almirante Cillax foi, pelo contrário, evidente e imediato. Apareceu posta em causa a eficiência da marinha inglesa. Foram discutidos os próprios fundamentos do bloqueio que era, para a Grã-Bretanha, uma das armas com que tradicionalmente faz a guerra contra as potências continentais.

Você acha que é POSSIVEL FAZER ISTO?



UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humilho, secc), crustas, feridas, aranhas, ardência na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmacias e drogarías

Preço avulso: -11\$00



Vida MUNDIAL Ilustrada

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números) 13\$00	6 meses (26 números)..... 40\$00
6 " (26 ") 26\$00	12 " (52 ") 80\$00
6 " (52 ") 52\$00	ESTRANGEIRO (sem convenção)
AFRICA PORTUGUESA	6 meses (26 números)..... 47\$00
meses (52 números) 68\$00	12 " (52 ") 94\$00

PASTA MEDICINAL

Couto

CURA estomatites

TRATA as doenças da boca

CREMES

PARA DE DIA
E PARA DE NOITE

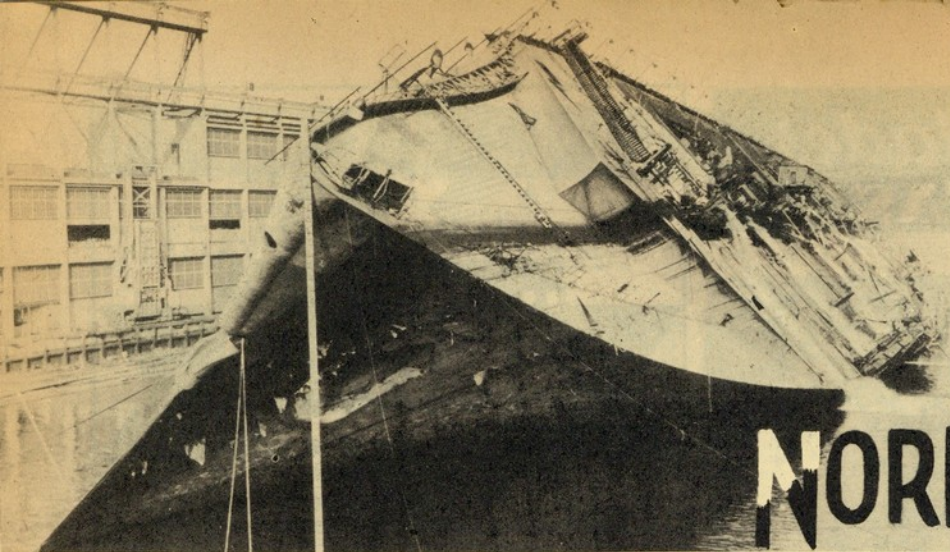
MCCAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 - LISBOA

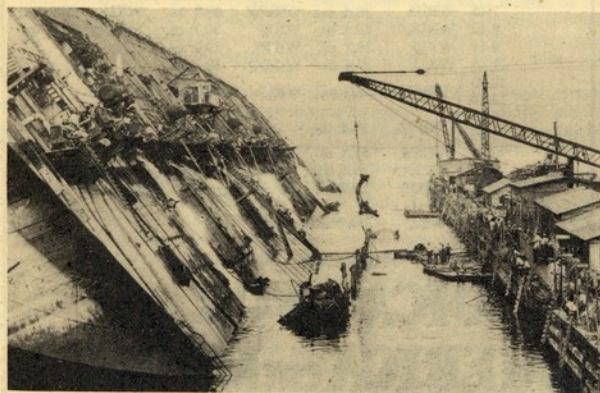
Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade. Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos.

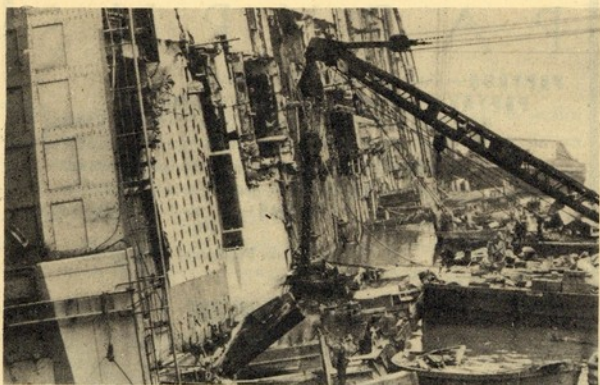


FOI ASSIM
QUE PUZERAM
A FLUTUAR O

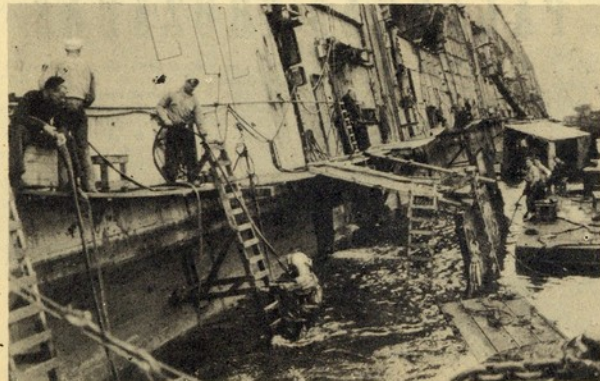
NORMANDIE!



Um grande guindaste de aço remove os salva-vidas, por ocasião dos trabalhos de refloamento do navio americano.

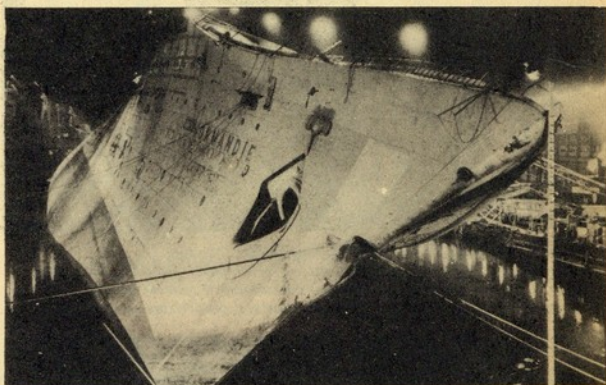


O convés foi erguido por um potente guindaste de aço. Mais tarde, fez-se um casco de vedação para facilitar os trabalhos de refloação.

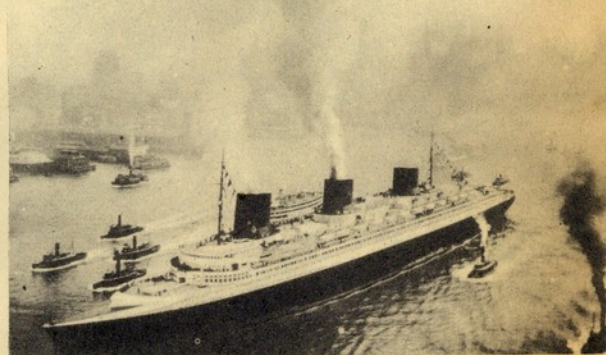


Um mergulho difícil e perigoso: os operários descem, de escafandro, ao leito do Hudson, em operações de sondagem, mês e meio depois do incêndio.

ESSO famoso «Normandie» que, durante anos, disputou a flâmula azul ao «Queen Mary» — era, como este, na Inglaterra, o orgulho da marinha mercante francesa. Duas vezes obteve a ambicionada «écharpe» na travessia do Atlântico e parecia que a sua história deveria ter ficado ligada às histórias galantes de príncipes romancescos, de milionários, artistas célebres e aventureiros — toda essa multidão cosmopolita que se acotovelava, antes da guerra, nos grandes transatlânticos de todo o mundo. Afinal, surge o 1 de Setembro de 1939. Cerram-se as portas douradas do magnífico paquete que foi também mobilizado e se dispôs a cumprir os seus deveres de guerra. Depois, veio o armistício franco-italo-alemão. O «Normandie», acolhido aos portos norte-americanos, foi confiscado. Até que um dia o mundo pasmou: o «Normandie» que aliás se chamava já «Lafayette» e que se encontrava defronte de Nova-York, era lambido pelas chamas, em Fevereiro de 1942, quando estava a ser adaptado ao serviço da marinha de guerra americana. Mas a técnica americana venceu o destino do antigo barco francês: 18 meses depois de lhe lançarem fogo — a 8 de Agosto deste ano — o «Lafayette» ressurgia das ondas. Fêz-se o esgotamento da água, construiu-se um estaque de mil pés de altura, montaram-se guindastes — e um belo dia, depois de estar longos meses enterrado no lodo, deslisava sobre as águas do Hudson, por assim dizer intacto. Foi um trabalho exaustivo — mas maravilhoso também que honra a técnica americana. Algumas das muitas fotos que foram tiradas dizem-nos que, realmente, a ciência mais uma vez venceu a morte...



Uma nova vida pulsa no interior do «Lafayette»! Agora pode já «lar, pelo seu próprio «pés» alguns «passos» no rio Hudson. Chegou-se ao fim da 1.ª fase dos trabalhos de refloamento...

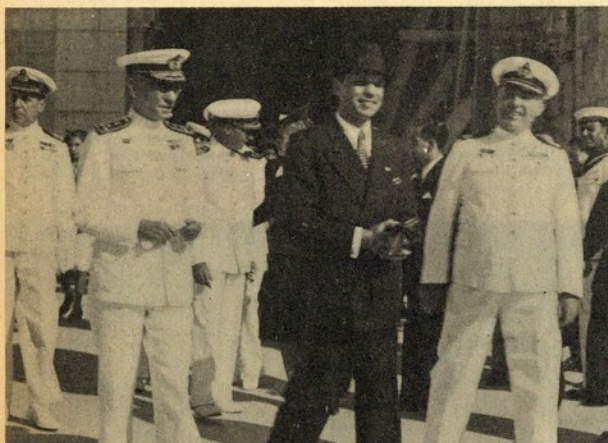


O «Lafayette» de 80 mil toneladas, que foi o mais rápido e elegante barco do mundo, como em 1935, desce, agora, vaqarosamente o Hudson, pronto a entrar em novas acções de guerra ou paz...

actualidades GRAFICAS



O governador de Angola, sr. comãdante Lopes Alves, que já partiu a tomar conta do seu alto pòsto, assinou, no gabinete do sr. Ministro das Colónias que se vê ao centro, o seu auto de posse, que esteve muito concorrido.



Os novos guardas-marinhas embarcaram para a habitual viagem de instrução. Na cerimónia que então se realizou, o sr. ministro Ortins de Bettencourt, não foi só, através dos seus discursos, conselheiro e mestre: soube falar das realidades presentes e convocar os portugueses para tódas as expectativas.



Passou, há dias, o aniversário da independência da república do México. Para celebrar o facto, o sr. ministro daquele país em Lisboa ofereceu, no Aviz, um almoço a que assistiram membros do corpo diplomático aqui acreditado e elementos do jornalismo.



... aqui
AMERICA

EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7.45	WRUL	38.4 m.	WRUW	49.6 m.	WKLJ	39.6 m.
8.45	WRUL	38.4 m.	WKLJ	30.7 m.	WKTS	39.6 m.
9.45	WKLJ	30.7 m.	WKTS	39.6 m.		
12.45	WKLJ	19.6 m.	WGEO	19.5 m.		
13.45	WRUW	25.9 m.	WKLJ	19.6 m.		
14.45						
17.45	WRUS	19.8 m.				
18.45	WGEO	25.3 m.	WRUS	19.8 m.		
19.45						
20.45 às 21.15	WGEO	19.5 m.	WRUS	19.8 m.	Meia hora de programa especial em português e noticiário.	
21.15	WRUS	19.8 m.				
22.45	WKLJ	30.7 m.				
23.45						

EMISSÕES DIARIAS

**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**

P A P Y R U S

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



PAPYRUS
Extra Strong

A venda nas Papelarias e Tipografias

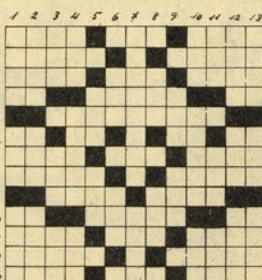
Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)
Rua dos Carreiros, 70
LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 81



Cont. de prep. e art.: Mandioca doce; Caminhar. 5 — Porção de pássaros. 6 — Pata; Desagradável; Catedral; Brisa. 7 — Despacha; Une; Genie. 8 — Marchava; Enxerguei; Único; O mesmo que «O». 9 — Cura; Haverá. 10 — Ande; Misturem; art. g. m. (pl.). 11 — Aredume de estômago; Páreo; Explosão. 12 — Unha aguçada de feras e aves de rapina; Cidade do Marrocos francês. 13 — Superfície; Eia; Tecido com que se fazem os toldos, velas de navios, etc.

VERTICAIS: 1 — Videira; Progenitor; Onda. 2 — Confedero; Mulher de Adão; Infórtunio. 3 — Mofano; Irrite. 4 — Ocasão; Tinha amor; Altar. 5 — Membro com que as aves voam; Cólera. 6 — Queixumes; Fileira. 7 — Sobremesa; Atractivo. 8 — Escarnecia (inv.); Teia. 9 — Porém; Não. 10 — Margem; Demitir; Semelhante. 11 — O mesmo que atão; Cidade da provincia de Moçambique. 12 — Concordei; Pássaro; Cidade francesa da África. 13 — Ecor; Lista; Dama (nas cartas de jogar).

HORIZONTAIS: 1 — Rosto; Capa de irmandade; Atrélas. 2 — Nome de mulher; Ventarola. 3 — Jôgo de rapazes; Puzador; Põe-se de mau humor. 4 —

PARA SER BAILARINA

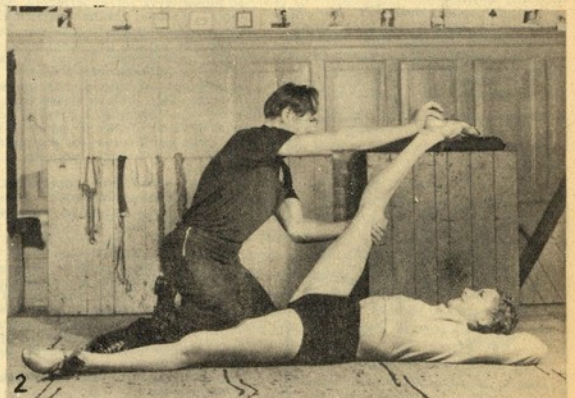
QUANTO CUSTA MANTER A "LINHA"!..

NÓS que vamos ao cinema, apreciamos os destemidos saltos de homens e mulheres, que no circo deliramos com as «incríveis» proezas de equilibristas, barristas, contorcionistas, argolistas, etc.; que no teatro admiramos a leveza, flexibilidade e fôlego das bailarinas, não pensamos, por um instante sequer, no tempo, no trabalho e nos espinhos, a que toda aquela gente se sujeita, para atingir a perfeição ou, pelo menos, a parcela suficiente, que justifica o pundonor profissional e o dinheiro que se ganha.

E, todavia, não é preciso profundar. Basta saber só, «grôso modo», os requisitos que são exigidos a quantos se dedicam à difícil carreira de «exibir para o público!» Horas consecutivas de preparação física, adequada a cada exercício. Uma vez dominada a dificuldade, há o capítulo «aperfeiçoamentos», muito demorado e para o qual é efectivamente necessária firme persistência.

Depois... o artista, se atingiu notável gráu de capacidade física, se conseguiu dos músculos e caixa torácica o rendimento exigido por vários exercícios, passa a ter outra preocupação: manter a boa «forma!» Para isso, tem variadíssimos desportos ao seu alcance, ou muito simplesmente, uma normal sessão de cultura física, diariamente, ou, em caso de período activo de trabalho, em dias alternados.

As artistas, as raparigas, a quem o dinamismo da arte catequizou, sujeitam-se a tudo de bom grado. O essencial — é conservar a «linha», a «estética». E é com o sorriso nos lábios que obedecem a todas as indicações e seguem todas as prescrições... como por exemplo, Marina Ried, uma jovem de pouco mais de 20 anos, uma bailarina apaixonada pela sua arte. Começou por uma modalidade inda pouco difundida: a televisão, exibindo-se numa estação berlinense. Com uma bela plástica, figura gentilíssima, a Tóbis descobriu-a e propôs-lhe o primeiro papel na película «O grande número», alcançando rotundo sucesso. Desde então, os seus êxitos contam-se pelas interpretações. Marina Ried canta, dança e é uma desportista convicta, servindo-lhe o desporto para manter o donaire que a impõe irresistivelmente. A sua preparação é cuidada e intensa. Como a sua fama assenta fundamentalmente nos bailados, Marina Ried não esquece que a leveza e a «souplesse» têm de estar sempre presentes. E por estas fotos se avaliará quanto custa a uma bailarina manter a estética!..



1 — Um princípio de acrobacia : 2 — É assim mesmo: não flectir os joelhos e tocar com os dedos no chão! 3 — Parece uma cena violenta de um filme... Mas não. O que Marina demonstra é uma grande flexibilidade renal... 4 — Reparem no à-vontade e facilidade com que Marina Ried executa este exercício. Ainda tem tempo para sorrir... 5 — Ei-la finalmente, em plena «forma», aprestando-se para um bailado. Já começou mesmo... Quanto trabalho, quanto sacrifício, para se conseguir uma tal harmonia de movimentos?..



ARTE OU CIENCIA?

O QUE NOS DISSE MATILDE RAS A RESPEITO DE GRAFOLOGIA



CREMOS que tudo quanto sobre grafologia aqui temos dito virá a interessar as pessoas cultas e curiosas de desvendar a alma humana. E cremos que, com o tempo, sempre chamaremos a atenção dos nossos psicologistas para o estudo da escrita, como auxiliar importantíssimo do carácter humano. É lamentável que, entre nós, não se tenham ainda neste sentido iniciado investigações sérias, e que a grafologia seja, não raro, confundida com bruxaria, passa-tempo ou devaneio literário. Naturalmente que dêste estado de coisas são em grande parte culpadas as publicações que dão abrigo a curiosos e aventureiros da grafologia e que por seus péssimos trabalhos a desacreditem. Entretanto, morfo-psicologia e grafo-psicologia são duma grande objectividade, com importantes aplicações práticas: a orientação profissional entre outras.

Com os nítidos progressos da caracteriologia — ou ciência do carácter — já não é difícil classificar uma pessoa, quanto à sua eficiência pessoal, tirando dela o máximo rendimento e poupando à colectividade comportamentos errados ou nocivos. Sabendo como se sabe que é elevado o número de tarados mentais, afligindo as famílias e as sociedades, ciências como a morfo e a grafo-psicologia deviam aplicar-se correntemente em todos os grandes aglomerados humanos e assim obteríamos fichas de psicologia individual, mórbida ou normal, que facilitaríamos a tarefa de quem os orienta: quere dizer os médicos.

Não sucede assim lá fora: na Inglaterra, na Alemanha, nos Estados Unidos, na França, etc., fez-se da grafologia uma ciência de numerosas aplicações, contando inúmeras revistas, sociedades de investigadores e profissionais.

Ora à pleiade brilhante dos grafólogos ilustres pertence Matilde Ras que entre nós se encontra a repousar, fugindo ao desconcerto do mundo, e que o acaso tão feliz nos deu a conhecer.

Procurámos-na na sua residência e desde os primeiros momentos compreendemos em Matilde Ras uma pessoa culta e muitíssimo amável. Disse-nos-lhe o que desejávamos: queríamos umas impressões suas. E logo se colocou à nossa disposição. É dessa adorável conversa que damos os aspectos mais interessantes.

Quisemos saber como tinha interessado a Matilde Ras a grafologia. Como trabalhava e como fizera os seus estudos.

— Trabalho há trinta anos e já desfilaram por meus olhos mais de 30.000 escritos. A grafologia começou a interessar-me indirectamente, ou melhor, de modo complementar, como um ramo da psicologia e, logo como o mais precioso e seguro dos seus auxiliares. De facto, não há melhor meio para conhecer o que se passa em nosso interior que o de observar as manifestações externas, actos, gestos, atitudes.

Os actos conscientes podem ser falsos; os gestos e as atitudes estudadas, mas não em qualquer dos casos, fugidios, difíceis de reter, com a excepção do processo cinematográfico que os regista e reproduz à nossa vontade. A escrita, na qual ficam simbolicamente retratados os nossos movimentos habituais numa série de pequenos gestos inconscientes, oferece-nos, porém, a van-

tagem da sua fixidez e a sinceridade da sua inconsciência. Ncte-se que, não é o exame da forma, letra por letra, que nos interessa principalmente, mas o movimento, a marcha, a agitação ou sua calma.

Matilde Ras tem depois uma frase lapidária e definidora:

— Ausculta-se um escrito como se ausculta um coração vivo... Um bom biógrafo recolhe todos os factos e palavras que consegue do biografado, do ambiente em que viveu, da sua iconografia e da sua isografia, ou seja o conjunto de documentos manuscritos duma pessoa. Sempre me interessaram apaixonadamente as vidas de homens ilustres e tencionava dedicar os meus esforços a esse trabalho, de que cheguei a traçar plano. Mas tive êxitos tão inesperados em grafologia, exigências de editores e de imprensa que me resolvei a seguir o não menos interessante caminho da grafologia.

Sabendo nós que Matilde Ras estudara em Paris grafologia, perguntámos-lhe qual o ambiente grafológico da capital no mundo culto. Eis a sua resposta:

— Em 1926, fui a Paris subsidiada pela «Junta para Ampliação de Estudos», de Espanha, para segui os cursos da Sociedade Técnica dos Peritos Calígrafos. A frequência era muito cosmopolita. Na minha carteira, por companheiros, tinha dum lado um ateniense e doutro uma russa. Havia diversos professores. Presidia M. Solange Tellat autor de uma obra muito erudita. As disciplinas eram muito variadas, e os exames compunham-se de numerosas provas práticas em que havia um rigor desusado noutros cursos, presididos por dois juizes dos Tribunais Superiores. Uma prova para a admissão ao exame final, que consistia em verificar documentos presupostos da mesma pessoa, um simples erro era o bastante para a reprovação. Após os cursos, tínhamos um estágio nos tribunais, onde verificávamos documentos escritos de natureza diversa.

O ambiente estava dado em duas pinceladas. Matilde Ras podia agora falar-nos da sua actividade como escritora e jornalista da especialidade...

— Escrevi, até à data, dois livros, um publicado pela Editorial Estelúin e completamente esgotado e outro pela Editorial Labor (Las Grandes Revelaciones de la Escritura) de que saíu recentemente uma 3.ª edição. Além de numerosos trabalhos e artigos em revistas e diários, sou assídua colaboradora de «Blanco y Negro» de «La Voz» e de outras publicações da Imprensa Americana.

Poderíamos continuar a nossa entrevista. Mas Matilde Ras está de passagem entre nós, com todos os afazeres e preocupações de quantos estão de visita ou de viagem. Seria, portanto, menos humano e gentil da nossa parte — quando a seu respeito tanto tínhamos já para dizer... O trabalho não resultaria a clássica entrevista, com muitas perguntas e respostas, dois pontos e travessões. Mas, ainda assim... tínhamos uma grande vantagem: sabíamos que Matilde Ras prometera ajudar os nossos especialistas nas diferentes actividades, para elevar entre nós esta bela ciência a uma categoria prática e de seriedade que, infelizmente, ainda não tem entre nós. Isto já não era pouco como novidade...

CLOTILDE RANDI

A última da época e o adeus de Gregório Garcia

O adeus de Gregório Garcia ao público de Lisboa atingiu tão apotóptica expressão que, estamos certos, surpreendeu o próprio mexicano. Quem assistiu a essa despedida, jamais poderá esquecer o que se passou na noite de 15 no Campo Pequeno, quando, terminada a corrida, Gregório saiu ao redondel de «montera» na mão para saudar o público pela última vez no corrente ano. Os aplausos, as manifestações de carinho e apreço, mesmo da mais verdadeira estima, foram tão comoventes que em muitos olhos vimos o brilho de lágrimas.

Nunca em qualquer sector da arte o público se entregou tão completamente a um artista, e cremos que nenhum outro deixou ainda o nosso país com tão justificados motivos de saúde e gratidão como este bravo rapaz, em cujo temperamento especial, bem radicadas devem ter ficado as manifestações que o envolveram. Desta forma, o público soube testemunhar, a um tempo, a sua admiração e reconhecimento pelo novilheiro que veio alegrar a época agora terminada, com o seu toureiro honesto e valente, que mais uma vez repetiu, mostrando-se merecedor de quantas palmas, brindes e flores lhe ofereciam.

Porque Gregório Garcia, numa impressionante consciência das responsabilidades de uma popularidade inédita, na sua última saída fez quanto pôde por corresponder à expectativa, e cumprindo a sua palavra despediu-se, senão com a mais vistosa, seguramente com a melhor «faena» realizada no Campo Pequeno — «faena» mandona, segura, apossando-se conscientemente do touro, para depois realizar «paroness» arripanantes, cheios de beleza e emoção. A actuação de Gregório, que tomou feição pessoal logo no seu primeiro inimigo quando, após ser colhido, se dirigiu ao touro para realizar um «equite» assombroso em que intercalou excelentes «veróni-

cas», colossais «chicuelinas» e «goaneras» como nunca se haviam visto, foi ganhando gradual relevo — admirável quando bandarilhou o oitavo, e de molde a satisfazer os tecnicamente exigentes na já citada «faena» de «muleta».

Garcia deve voltar na próxima época para cimentar o gosto pela festa de touros de tantos aficionados novos que criou e que voltarão a afastar-se das praças se depois do que viram ao mexicano — tão rico de cor e alegria, tão espectacular e emocionante — lhes oferecerem a actuação de outros toureiros que pelos seus méritos e «maneiras» exijam uma certa bagagem de conhecimentos técnicos para poderem ser apreciados. Dessa forma, a tourada portuguesa ficar-lhe-á devendo um inestimável serviço.

Morenito de Talavera, o bom toureiro que está toureando quanto quer e onde quer, teve uma actuação que não pôde ser brilhante com inimigos que se mostraram incertos na «pelea». Assim mesmo, porém, teve magníficos lances de capote no seu primeiro, num equite precioso que se aplaudiu com calor, bandarilhou magistralmente o sétimo touro — destaque-se um par de dentro para fora, emocionante e de execução insuperável — e realizou com a «muleta» três «faenas» certas, sobretudo a primeira, que foi vistosa e adornada. Escutou muitas palmas, que o forçaram a sair «os «tercios»».

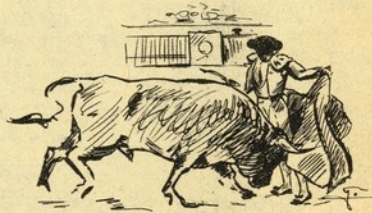
João Branco Nuncio, com actuação discreta no touro que abriu praça, esteve admirável no 6.º touro, que procurou com inteligência, em preparações cheias de beleza e cravando muito bem dois compridos e três curtos, o segundo dos quais foi grandioso. No final, a sua destacada actuação foi premiada com grande ovacão, volta ao redondel e saída aos «médios». João fecha assim, com chave de ouro, uma época que iniciou brilhantemente, mas teve um período médio de apatia, que esta actuação valorosa

mostrou não ser sintoma de declínio do grande cavaleiro de Alcácer.

Na «brega» distinguu-se Procópio que, finda a lide do cavaleiro, se recreou lançando de capote com elegância, pelo que ouviu fartas palmas. Destaque-se ainda Cardenas e a «quadrilla» de Morenito.

Os touros, de várias procedências, na sua maioria não satisfizem, sobretudo os de Pompeu Caldeira. Os de Infante da Câmara, destinados ao toureiro equestre, de bom tipo e corpo, teriam sido ideais para uma lide formal com varas — assim ficou demonstrado na forma como investiram com o capote de Procópio. Os de Andrade deixaram-se lidar, principalmente o último — o maior e mais nobre.

(Crónica e desenho de
JAIME DUARTE DE ALMEIDA)



Gregório Garcia num dos emocionantes lances de capote, executado no 3.º touro



O Secretário de Estado Cordell Hull também esteve em Quebec e assistiu às conferências de Roosevelt e Churchill. Para o receber, à chegada, apareceu Mackenzie King, que se vê à esquerda da foto. O domínio do Canadá e os Estados Unidos estão hoje mais do que nunca de mãos dadas — e, aqui, a atitude dos dois ministros pode bem vestir-se de expressivo simbolismo.